

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL –
PRODUÇÃO EDITORIAL

Alan Patrick Cargnelutti

**RETRATOS: UMA EXPERIMENTAÇÃO AUDIOVISUAL SOBRE
FAMÍLIAS COMPOSTAS POR FILHOS ADOTIVOS**

PROJETO EXPERIMENTAL

Santa Maria, RS

2019

Alan Patrick Cargnelutti

**RETRATOS: UMA EXPERIMENTAÇÃO AUDIOVISUAL SOBRE
FAMÍLIAS COMPOSTAS POR FILHOS ADOTIVOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Teorias Aplicadas à Comunicação II, do Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial**.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Cláudia Regina Ziliotto Bomfá

Santa Maria, RS

2019

Alan Patrick Cargnelutti

**RETRATOS: UMA EXPERIMENTAÇÃO AUDIOVISUAL SOBRE
FAMÍLIAS COMPOSTAS POR FILHOS ADOTIVOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Teorias Aplicadas à Comunicação II, do Curso de Comunicação Social – Produção Editorial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Comunicação Social – Produção Editorial**.

Aprovado em 04 de dezembro de 2018:

Prof^ª. Dra. Cláudia Regina Ziliotto Bomfá (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Prof^ª. Dra. Marília Araujo Barcellos (UFSM)

Prof^ª. Dra. Cristina Marques Gomes (UFSM)

Santa Maria, RS
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que estiveram presentes nessa pequena trajetória. Primeiramente a UFSM pela oportunidade de fazer o curso.

A minha família, pela paciência de aguentar minhas aflições e problemáticas que mesmo estando longe estiveram presentes nessa importante fase que se termina na minha vida.

A todos os professores que me proporcionaram o conhecimento no processo de formação, aos que insistiram em mim não me deixando desanimar. Não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender, tanto os conteúdos como valores para a vida.

À professora e orientadora Cláudia Regina Ziliotto Bomfá, pela paciência na orientação, pelo convívio, apoio, compreensão e incentivo que tornaram possível a conclusão desse trabalho.

Aos meus colegas de graduação, desde os mais chegados, Marina, Lavínia, Tainan, Alexandra, Laís, Mariana, Vitor, Marcos e Liandra que se mantiveram ao meu lado durante todos esses quatro anos, até os que fizeram parte lá no início, mas que com o tempo a amizade não perdurou até o fim, mas que tiveram essencial importância no meu processo de aprendizagem.

Aos amigos e pessoas especiais, Muriel, Laura, Kauana, Gabriel, Marcos, Marcelo e Matheus que contribuíram com seus conselhos, auxílio e colaborações.

A todas famílias que auxiliaram no desenvolvimento do trabalho e demais pessoas que compartilharam suas vidas e fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

RETRATOS: UMA EXPERIMENTAÇÃO AUDIOVISUAL SOBRE FAMÍLIAS COMPOSTAS POR FILHOS ADOTIVOS

AUTOR: Alan Patrick Cargnelutti
ORIENTADORA: Cláudia Regina Ziliotto Bomfá

O presente trabalho faz parte de um projeto experimental que busca apresentar um retrato de famílias brasileiras constituídas por filhos adotivos, e realizar a elaboração de uma audiovisual experimental, sobre famílias brasileiras compostas por filhos adotivos. Para elaboração do referencial teórico, foi feita uma pesquisa sobre os conceitos de família e mudanças no processo de adoção, citando autores como: Landini (2004) e Fonseca (2006), que compreendem os modos culturais da família e suas mudanças com o tempo, assim como também é traçado um histórico da adoção no Brasil. O trabalho tem como propósito expor através dos relatos das famílias com filhos adotivos suas vivências e percepções sobre o modo com a sociedade encara a pluralidade das estruturas familiares e como as mídias digitais facilitam e dão visibilidade ao tema. A escolha de realizar um projeto audiovisual através de uma linguagem documental se dá não apenas pelo interesse pessoal do autor, mas também por essa linguagem aproximar a sociedade das vivências reais das famílias.

Palavras-chave: Famílias; Adoção; Mídias Digitais; Audiovisual.

ABSTRACT

PORTRAYALS: THE CONSTITUTION OF FAMILIES COMPOSED BY ADOPTIVE CHILDREN, IN A CONTEMPORARY CONTEXT OF THE RISE OF COMMUNICATION TECHNOLOGIES

AUTHOR: Alan Patrick Cargnelutti
ADVISOR: Cláudia Regina Ziliotto Bomfá

The present work is part of an experimental project that seeks to present a portrait of Brazilian families made up of foster children, and to elaborate an experimental audiovisual about Brazilian families composed of adopted children. To elaborate the theoretical framework, a research about the concepts of family and changes in the adoption process, citing authors such as: Landini (2004) and Fonseca (2006), who understand the cultural modes of the family and their changes over time, as well as a history of adoption in Brazil is traced. The purpose of this work is to expose, through the reports of families with foster children, their experiences and perceptions about the way society faces the plurality of family structures and how digital media facilitates and gives visibility to the theme. The choice to carry out an audiovisual project through a documentary language is not only because of the author's personal interest, but also because this language brings society closer to the real experiences of families.

Palavras-chave: Families; Adoption; Social Media; Audiovisual.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 JUSTIFICATIVA	8
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA	9
1.3 OBJETIVOS	11
1.3.1 Objetivo geral	11
1.3.2 Objetivos específicos	11
2 METODOLOGIA	12
3 CONSTITUIÇÃO FAMILIAR E NOVOS MODELOS	14
3.1 Adoção no Brasil: história e legislação	16
3.2 Processos de adoção no Brasil: mudanças, e novas tecnologias	18
4 RETRATOS: UMA EXPERIMENTAÇÃO AUDIOVISUAL SOBRE FAMÍLIAS COMPOSTAS POR FILHOS ADOTIVOS	22
4.1 Introdução.....	22
4.2 Métodos e técnicas	22
4.3 Análise das entrevistas	23
4.3.1 Família Kelm	23
4.3.2 Família Eich	24
4.3.3 Família Martins	25
4.3.4 Profissional da área da psicologia	26
4.3.5 Percepções da análise das entrevistas	27
4.3.6 Processo de produção do audiovisual	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICES	37
APÊNDICE A - QUESTÕES PARA AS FAMÍLIAS	38
APÊNDICE B - QUESTÕES DA ENTREVISTA PARA A PROFISSIONAL DA ÁREA DA PSICOLOGIA	39
APÊNDICE C - PRIMEIRA FAMÍLIA ENTREVISTADA	40
APÊNDICE D - SEGUNDA FAMÍLIA ENTREVISTADA	43
APÊNDICE E - TERCEIRA FAMÍLIA ENTREVISTADA	45
APÊNDICE F – ENTREVISTA COM PROFISSIONAL DA ÁREA DA PSICOLOGIA	48
APÊNDICE G - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM	51
APÊNDICE H - Roteiro - RETRATOS: Relatos de Famílias Adotivas	52

1 INTRODUÇÃO

Iniciarei meu texto com um relato importante, o qual me motivou a propor esta temática de trabalho de conclusão de curso. Minha história de vida teve um acontecimento significativo em 2000, quando completei três anos de idade e passei a viver no Lar da Criança Henrique Liebich, na cidade de Ijuí, após o conselho tutelar tirar a guarda dos meus pais biológicos. Passei quatro anos à espera de pessoas que me dessem um lar de verdade, acolhimento e amor, até que no ano de 2004 fui adotado pelos meus pais atuais.

Minha família nunca foi como a da maioria das pessoas, meus pais tem uma diferença de idade em relação a mim de quase sessenta anos, meu irmão mais velho tem uma diferença de vinte e três anos. Toda a família, descendentes de italianos e alemães possuem a pele clara, diferente da minha que é parda. Tais diferenças poderiam ocasionar muitos preconceitos por parte de quem nos enxerga de fora, mas que não gerou diferenças negativas na minha criação e formação quanto indivíduo.

Desde pequeno sempre tive muita curiosidade pelas máquinas fotográficas e de filmagens, brincava com a que minha irmã tinha. No ano de 2010 pegava a câmera dos meus pais e levava para a escola e ficava fotografando e filmando meus colegas, em 2011 fiz um canal no Youtube onde mesclava imagens, textos e músicas formando vídeos que falavam sobre a fase que estava passando na época. Em 2013 fiz meu primeiro curso de fotografia básica e sempre mantive contato direto com a área.

Durante o curso de Produção Editorial sempre busquei colocar aspectos visuais na maioria dos meus trabalhos, e ao pensar no trabalho final, não poderia deixar isso de lado. Ao refletir sobre o contexto político do país, as novas tecnologias, os discursos midiáticos em relação às minorias, e ter a percepção que me insiro em uma família que foge do padrão, tive a ideia de unir histórias de algumas famílias que não fazem parte das tradicionais e analisar através delas, como está a percepção em relação a constituição das famílias no contexto social atual.

1.1 JUSTIFICATIVA

O conceito de família mudou durante o tempo, a formação delas não segue mais obrigatoriamente um padrão, porém em razão dessas mudanças surgiram preconceitos e

discriminações com as que não estão no modelo tradicional, julgamentos que são disseminados por influenciadores conservadores que possuem poder na mídia.

Segundo o Cadastro Nacional de Adoção (CNA), criado em 2008, sob a responsabilidade do Conselho Nacional de Justiça, que tem a finalidade de aproximar crianças que aguardam por uma família em abrigos e pessoas que tentam uma adoção, mas que podem estarem separados por milhares de quilômetros, há 9.498 crianças e adolescentes cadastrados que estão aguardando uma nova família. Intui-se que com a ascensão das tecnologias, redes sociais e mídias digitais, o processo de adoção tende a tornar-se mais simplificado. Ao longo desta pesquisa e das entrevistas, pretende-se observar se os adotantes consideram que se as tecnologias são importantes para o processo de adoção.

Dessa forma, na condição de futuro profissional da área da Comunicação, justifico que verificar como famílias adotivas se veem inseridas na sociedade é de suma importância. Deste modo, será possível gerar debate sobre a temática, em vista de que há vários conceitos de família, inseridos em diferentes modelos que devem ser considerados, debatidos e levados para o conhecimento da sociedade.

O projeto irá buscar através de entrevistas com diferentes modelos de famílias, verificar de que forma a adoção é vista depois da popularização de novos veículos de comunicação, como a internet por exemplo e analisar se os padrões representados na mídias, que em maioria só englobam um modelo de família, afeta na decisão de escolha por entrar no processo para adotar uma criança, de que maneira isso é visto, tanto pelos pais que buscam por um filho, tanto como para crianças que buscam uma família.

O ponto de partida foi conceituar alguns termos e verificar a mudança deles com o decorrer do tempo. Em razão disso, apresentei a visão que historicamente se tem sobre como se formam as famílias e como se configuram as estruturas e modelos de família atualmente.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

A pesquisa em questão busca portanto, elaborar um retrato sobre famílias compostas por filhos adotivos brasileiros.

A decisão de adotar uma criança é algo que necessita muita reflexão e responsabilidade. Adotar alguém que não faz parte de um vínculo biológico é um ato de amor e acolhimento, conceituar tal ação é difícil em razão de que envolve muitos sentimentos e disponibilidade de transmitir afeto a um ser humano que geneticamente não faz parte de laços

ditos como familiares. A adoção necessita de muita responsabilidade, segundo Levinzon (2004, p.12):

A adoção representa, de modo geral, uma forma de proporcionar uma família às crianças que não podem, por algum motivo, ser criadas pelos pais que a geraram. Representa, ainda, a possibilidade de ter e criar filhos para pais que apresentam limitações biológicas ou que optam pelo cuidado de crianças com quem não possuem ligação genética.

Desse modo, percebe-se que a adoção pode ser vista de diferentes percepções, pelos pais, mas que a condição das crianças basicamente é a mesma, encontrar uma família que elas não possuem. A autora destaca a importância da adoção, pois para criança pode significar muito mais que ganhar pais, Lavinzon (2004, p.12) também argumenta que “a adoção prevê à criança um lar permanente e uma base social segura que vai ao encontro de suas necessidades básicas”, ressaltando assim a responsabilidade que a adoção possui.

No Brasil, assim como na história do mundo, o conceito de família está sendo alterado, e novos modelos de família, incluindo as que optam por adotar crianças, independente da formação matrimonial do casal, estão surgindo e sendo reconhecidos.

Uma criança a espera de pais que queiram adotá-la está na verdade a espera de uma família para acolhê-la. Landini ao conceituar família, discorre sobre a pluralidade de ser família.

O conceito é complexo e dinâmico, estando intimamente ligado a sociedade humana em que está inserida; sendo assim, ele sofre mudanças constantemente, dependendo das variações sociais econômicas e políticas. Dessa forma o conceito de matriz oferece vantagens metodológicas ao permanecer estável, sendo a placenta social da criança, seja ela natural, de pai e mãe biológicos, adotiva, ou mesmo estando em uma instituição (LANDINI, 1937, p. 147).

Se percebe através disso que família não segue um modelo padrão inquestionável, mas sim que enfrenta mudanças de acordo com as sociedades e os diferentes tipos de vínculos que faz dela um conceito mutável. Família deixou de ser apenas uma instituição de membros do mesmo sangue, e passou a valorizar a afetividade, diferentemente dos antigos interesses do modelo de família, como diz Paula (2007, p. 20) “A família clássica tinha como interesse maior a ter tutelado a família enquanto instituição. O compromisso era manter a vida em comum independentemente da existência de afeto, elemento que não era questionado”. Dessa maneira, já se percebe a inserção da afetividade como laço fundamental para constituição dos novos modelos de família.

Os conceitos principais selecionados para o projeto são: Adoção; em razão do tema ser todo neste contexto. Família; para questionar os modelos atuais e verificar quais são os novos e como eles se adaptam a sociedade. Mídias Digitais; meio em que o estudo irá obter as informações de discursos, ou seja, lugar em que será analisada a relevância do impacto das

informações acerca do tema. Entrevista: O meio pelo qual, através dos depoimentos dos entrevistados se analisará as mudanças nos conceitos de família, e os discursos midiáticos feitos através das mídias digitais. Audiovisual: Produto final em que estará a entrevista.

1.3 OBJETIVOS

Abaixo, seguem o objetivo geral e os objetivos específicos determinados para o desenvolvimento desta pesquisa.

1.3.1 Objetivo geral

Apresentar um retrato de famílias brasileiras constituídas por filhos adotivos, e realizar a elaboração de uma audiovisual experimental, sobre famílias brasileiras compostas por filhos adotivos.

1.3.2 Objetivos específicos

- Pesquisar no referencial teórico disponível os conceitos sobre família e adoção.
- Contextualizar os marcos legislativos da adoção no Brasil;
- Entrevistar algumas famílias brasileiras, que já passaram pelo processo de adoção,
- Materializar as entrevistas em um produto experimental audiovisual.

2 METODOLOGIA

A metodologia que norteia este trabalho de pesquisa é apresentada a seguir:

Objetivos	Metodologia
Pesquisar no referencial teórico disponível os conceitos sobre família tradicional, novos modelos de famílias e adoção	Pesquisa bibliográfica
Contextualizar os marcos legislativos da adoção no Brasil;	Pesquisa bibliográfica
Realizar abordagem a respeito da constituição familiar e novos modelos	Pesquisa bibliográfica
Entrevistar algumas famílias brasileiras, que já passaram pelo processo de adoção	Entrevistas
Materializar as entrevistas em um produto experimental audiovisual	História de vida

Severino (1987, p.122) diz que “A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc”. Logo, entende-se que a pesquisa bibliográfica é base para todo o conteúdo utilizado no estudo, é uma fonte de informações na qual é retirado o embasamento teórico para a pesquisa. A pesquisa realizou-se tendo como fonte também, bases de dados de pesquisa e dissertações.

Para a realização das entrevistas, optou-se por fazer a estruturada, de acordo com Severino (1987, p. 125) as entrevistas estruturadas “São aquelas em que as questões são direcionadas e previamente estabelecidas, com determinada articulação interna. Aproximasse mais do questionário, mas sem a impessoalidade deste”.

Utilizou-se como base o método de história de vida, o qual contempla metodologia qualitativa e biográfica. A história de vida, no âmbito das metodologias científicas, pode ser entendida segundo duas perspectivas: como documento e como técnica de captação de dados, conforme Haguette (1987, p. 69).

É na interação com “outros mundos” que o indivíduo começa a questionar as suas formas e significados habituais de vida. Neste contexto, o pesquisador escuta, por meio de entrevistas, gravadas ou não, o relato da história de vida de alguém que a ele se conta.

Deste modo, a relação entre pesquisador e narrador da história é um fator fundamental e somente ocorre na presença de um vínculo de confiança mútua que é construído ao longo de um processo. Após a escuta, realiza-se a transcrição do material e faz-se uma discussão entre o sujeito participante e o pesquisador, que, a partir de então, fará um mergulho analítico para buscar identificar naquele material as pistas que o ajudarão a tentar responder suas questões de pesquisa. "É retomar a reflexão de outrem como matéria-prima para o trabalho de nossa própria reflexão" (Chauí, 1987, p. XXI).

Recorreu-se também à pesquisa de campo, Severino (2007, p. 123) afirma que "(...) o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador". Foi classificado como pesquisa de campo, pois os resultados obtidos serão específicos das pessoas, pais e filhos adotivos, de acordo com suas vivências e realidades sem alteração nem indução sobre o tema.

Para a coleta dos dados se utilizará de entrevistas aplicadas com o intuito de verificar como são desenvolvidas as relações de família, entre relações de adoção. Para realizá-las, foram escolhidas três famílias com os seguintes perfis de acordo com o Quadro 1:

Quadro 1 – Perfil das Famílias

Participantes	Perfil					
	Formação familiar	Local da Criança	Perfil Desejado	Faixa etária da adoção	Número de adoções	Gênero do filho
Família Kelm	Monoparental	Hospital	Sim	27 horas	1	Masculino
Família Eich	Monoparental	Abrigo	Sim	2 anos	1	Feminino
Família Martins	Biranteal	Hospital	Não	120 horas	1	Feminino

Para a realização das entrevistas foram elaboradas perguntas abertas, com objetivos específicos afim de saber de acordo com as famílias quais seus posicionamentos sobre temas relacionados ao processo de adoção, novas tecnologias e a visão particular de como elas se veem na sociedade e o que são famílias.

Quadro 2 – Perguntas para as famílias

Perguntas da entrevista	Objetivo da pergunta
Qual seu entendimento por família?	Verificar como as famílias se veem, e como se assemelham aos conceitos pesquisados no referencial teórico.
Por que se optou pela adoção?	Entender quais os motivos levaram a família querer entrar no processo de adoção.
Foi pensado num perfil da criança?	Verificar se haviam características estabelecidas no perfil da criança desejada pelas famílias.
Qual foi o lugar ou o meio que se interessaram na adoção?	Entender quais os locais em que as famílias ficaram sabendo que podiam adotar e onde buscaram informações. Ex: fórum, rádio, TV.
E se fosse hoje, qual meio usariam? Sabem da existência do aplicativo?	Saber ao que recorreriam atualmente se entrassem no processo de adoção novamente.
Como vocês se veem representados na mídia? Há representação?	Verificar se os modelos representados na mídia, em novelas, filmes, jornais, dão visibilidade para o modelo de família dos entrevistados.
Como que é a percepção de vocês em relação ao governo atual, sabendo que na campanha do presidente foi sempre apenas mencionado um modelo de família?	Verificar se o posicionamento do presidente da república impacta de alguma forma nos modelos das famílias, se elas se sentem intimidadas por não fazer parte da família tradicional defendida por Jair Bolsonaro.
Os acessos mais facilitados as mídias digitais ajudam no processo de adoção?	Saber se as famílias acham que o acesso à informação atualmente com a internet, redes sociais, aplicativos, ajuda mais do que antigamente.
Se vocês precisassem descrever o retrato da família de vocês como seria?	Verificar de que modo as famílias se descreveriam.
O que a família de vocês gostaria de retratar e passar para o mundo?	Entender o que as famílias sendo famílias adotivas com suas experiências gostariam de passar para o mundo.

3 CONSTITUIÇÃO FAMILIAR E NOVOS MODELOS

As famílias brasileiras, tanto quanto do mundo estão passando por um processo de reestruturação, o modelo tradicional imposto por séculos já não se aplica a todas, visto que o modelo de sociedade baseada na cultura do machismo está sendo questionada. As mulheres não se submetem mais a figura masculina autoritária dos maridos para manter a estrutura da

família conjugal, e estão buscando por independência, dessa forma criando por si só, em alguns casos, seus filhos. Outros modelos de família, como casais homossexuais também estão ganhando espaço como parte das famílias não tradicionais.

Segundo a Agência de Notícias do IBGE, os casamentos civis de pessoas do mesmo sexo aumentaram em 61,7% no ano em 2018 em relação ao ano de 2017. De acordo com a pesquisa o aumento foi significativo nos últimos dois meses do ano, após a eleição de Jair Bolsonaro.

A partir da preocupação com as discriminações em torno dos modelos de famílias não tradicionais, hoje está se constituindo espaços para discussão das estruturas familiares contemporâneas.

As pesquisas antropológicas deste século desfizeram a ideia de que existam formas familiares mais ou menos modernas, mais ou menos atrasadas. Segundo essas análises, é impossível falar de modelos de famílias moralmente superiores, culturalmente mais civilizadas ou psicologicamente mais saudáveis. (FONSECA, 2006, p. 21)

Dessa forma, percebe-se que não existe um modelo padrão de família, mas sim estruturas que começaram a existir de acordo com as mudanças impostas pela vivência particular de cada família. É comum que ao se questionar tais novas estruturas familiares, seja usado como argumento que o natural é o modelo tradicional, formado por um pai, uma mãe e seus filhos, dessa maneira tudo que se contrapõe a esse modelo que seria fora da “essência” do ser humano. Fonseca (2006, p.21) contesta esse tipo de argumento e diz que: “querem uma definição clara de “essência” humana para assim descartar todos os outros comportamentos e valores como alienantes, “obstáculos” ao progresso etc.”

Com isso nota-se que há até mesmo um modelo de “progresso” idealizado pela sociedade como sendo atingido apenas com o modelo tradicional de família e que devesse ter cuidado para não o reforçar, visto que a identidade familiar não deve ser considerada pela estrutura familiar, nem pela relação consanguínea, mas sim através das lações de afetividade e responsabilidade para com os membros da família. Através disso é notável que para uma criança ser considerada um indivíduo ela deve pertencer desde seu nascimento a um grupo, pois não é um ser singular, é necessário que esteja ligada e constituída por um grupo familiar.

A palavra “pais”, relacionada a família biparental, sempre esteve expressa a duas pessoas e diretamente composta por gêneros diferentes, tendo a família caracterizada por vínculos biológicos. Este modelo de família é apenas um dentro de outros tipos de constituições familiares, que vão além de vínculos biológicos e perpassa pela construção social e vínculos também afetivos.

Parece haver uma falta de representatividade nas constituições familiares compostas por modelos diferentes de família que não consideradas como tais. Relacionamentos afetivos com outras configurações e pessoas que optaram por uma vida que não segue a regra do tradicionalismo também precisam ser incluídas como família.

A coabitação deve ser repensada como modelo único de família em vista de que casais se separam, pessoas morrem, há casos de esterilidade, entre outras situações que passam a não se enquadrar mais no modelo nuclear/tradicional. Em vista disso conceituar e dar visibilidade a outras constituições familiares é essencial para incluir os demais modelos constituídos por seres humanos e mostrar que eles são família e são dignas de serem reconhecidas como tal.

As famílias monoparentais, por exemplo, são formadas por uma unidade, cuidam sozinhas de seus filhos. Heilborn (2004, p.92) diz que “embora não haja consenso sobre a necessidade de coabitação para que se estabeleça relação de afeto e se consagre uma família é ainda sobre a existência de um par, mesmo que em endereços diferentes, que o ideal repousa”.

Através disso, percebe-se que mesmo havendo um conceito para esse modelo de família, segundo a autora, ele não seria o ideal, há uma marginalização desta constituição familiar e ainda recorre a ela a perspectiva de anormal, pois faltaria um membro, porém essa característica não deveria ser levada em questão, já que há uma escolha a ser considerada na liberdade do indivíduo em optar por viver sozinho e constituir sua família de acordo com suas vontades e necessidades.

3.1 Adoção no Brasil: história e legislação

Para que se obtenha clareza sobre o processo de adoção no Brasil, é importante que se coloque em datas, desse modo verificar a partir de quando se começou a haver amparo do governo a formação de novas família. Para isso se elaborou um quadro com os marcos legislativos da adoção no Brasil , de acordo com o que constas nos registros do portal online do Senado Federal Brasileiro.

Quadro 3 – Marcos legislativos da adoção no Brasil

(continua)

Data	Inserção	Descrição
1916	Código Civil de 1916.	Limitava a autorização para adoção as pessoas com idade superior a 50 anos, que não possuíam prole legítima ou legitimada, e era dever do adotante ter 18 anos a menos que o adotado;

Quadro 3 – Marcos legislativos da adoção no Brasil

(continuação)

		<p>Só era possível a adoção por parte de duas pessoas se as mesmas fossem casadas;</p> <p>Exigia-se o consentimento da pessoa que tivesse a guarda do adotando;</p> <p>Procurava trazer para o núcleo familiar sem filhos a presença do adotando, atendendo interesse maior dos adultos/pais que não possuíam prole ou não podiam tê-la naturalmente.</p>
1927	Código de Menores do país.	<p>Os adotantes deveriam ter mais de 30 anos, e não mais de 50;</p> <p>O adotando deveria ser 16 anos mais novo que o adotante, e não 18;</p> <p>Os adotantes poderiam já ter filhos (legítimos, legitimados ou -reconhecidos).</p>
1965	Lei 4.655.	<p>Menores de 5 anos em situação “irregular” poderiam ser adotados e adquirir os mesmos direitos que os filhos naturais, se autorizado pelos pais biológicos e por um juiz.</p> <p>Cancelou o registro original de nascimento do adotando, eliminando do “histórico de vida” quaisquer informações relativas aos pais biológicos.</p>
1979	Novo Código de Menores (Lei 6.697).	<p>Adoção Simples e Plena.</p> <p>Simples: voltada ao menor que se encontrava em situação irregular (“delinquente” ou “abandonado”), dependia de autorização judicial e apenas fazia uma alteração na certidão de nascimento.</p> <p>Plena: rompia-se todo e qualquer vínculo com a família original (seguindo a Lei 4.655/1965). Somente casais com pelo menos cinco anos de casamento, nos quais um dos cônjuges tivesse mais de 30 anos, poderiam pedir uma adoção plena, irrevogável e destinada a menores de 7 anos.</p>
1988	Constituição de 1988.	<p>Artigo 227, filhos, havidos ou não da relação de casamento ou por adoção, têm os mesmos direitos e qualificações, “proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à -filiação”.</p>
1990	Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.	<p>Novas regras procuravam simplificar o processo de adoção, modificando, entre outros critérios, a idade máxima para ser adotado (de 7 para 18 anos) ou a idade mínima para poder adotar (21 anos, e não mais 30) e abrindo a possibilidade a qualquer pessoa, casada ou não, desde que obedecidos os requisitos.</p>
2009	Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA Lei 12.010.	<p>Reforçou a filosofia do ECA quanto à ausência de distinção legal entre os filhos de um casal, independentemente de serem eles adotivos ou biológicos.</p> <p>Foram criadas novas exigências para os adotantes, implantado um</p>

Quadro 3 – Marcos legislativos da adoção no Brasil

(conclusão)

		cadastro nacional de crianças passíveis de adoção e reforçado o papel do Estado no processo.
	Adoção à Brasileira	A adoção à brasileira, também conhecida como adoção ilegal caracteriza-se quando a genitora ou a família biológica simplesmente entrega a criança a um indivíduo estranho, onde este muito provavelmente registrará a criança como filho próprio, sem sequer ter passado por um processo judicial de adoção. Ao nos depararmos com tal situação, é mister questionar por que tal ato ilegal é tão comum no nosso país, mesmo havendo legislações específicas para a regularização de tal procedimento e possuindo previsão no CP ao descrever a conduta no Art. 242: ‘‘Dar parto alheio como próprio; registrar como seu o filho de outrem; ocultar recém-nascido ou substituí-lo, suprimindo ou alterando direito inerente ao estado civil.’’, com pena cominada de 2 a 6 anos de reclusão.

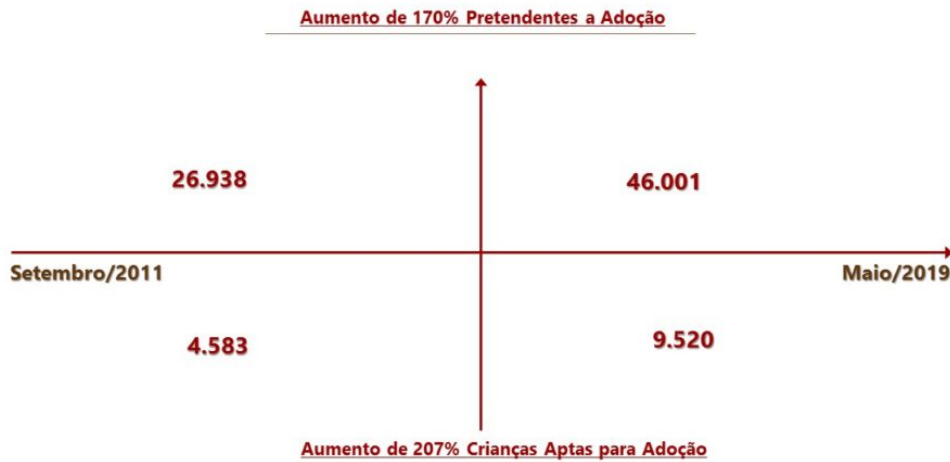
Fonte: <https://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/adocao/contexto-da-adocao-no-brasil/historia-da-adocao-no-mundo.aspx>. Organizado pelo autor.

A partir deste marco se percebe que a adoção no Brasil passou por mudanças significativas no aperfeiçoamento das leis que dão amparo as famílias e as crianças que estão em situação de vulnerabilidade. Passou-se a partir de um código, que não legitimava o papel de filho aos adotivos, e que se fundava para auxiliar famílias que não podiam naturalmente ter um filho, para um estatuto que se adequa a uma pluralidade maior de famílias e dá aos filhos adotivos uma equiparação justa aos demais membros da família, dando além de um lar, seguridade através da lei para as crianças não possuem um lar.

3.2 Processos de adoção no Brasil: mudanças, e novas tecnologias

A ONG Mãos Dadas, que tem como objetivo apoiar problemas vividos pelas crianças e adolescentes nas mais variadas situações de vulnerabilidade, na 27ª edição de sua revista: ‘‘Para toda Criança, uma família’’ publicou dados sobre adoção constantes no Cadastro Nacional de Adoção de setembro de 2011 a maio de 2019. De acordo com eles, se percebe as principais mudanças decorrentes durante esse período no processo de adoção no Brasil.

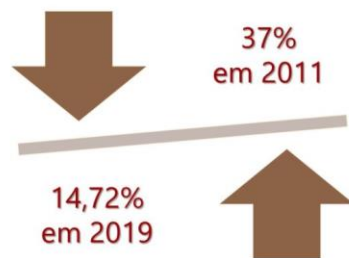
Figura 1 – Dados sobre adoção de 2011 a 2019



Fonte: <https://ultimato.com.br/sites/maosdadas/2019/05/24/adocao-em-numeros/>

Segundo os dados coletados da revista, as crianças aptas a serem adotadas ainda por vezes não atendem ao perfil desejado pelos pretendentes, mas isso tem mudado. Conforme a figura 2, no ano de 2011 era alto o número de pessoas que não aceitariam adotar crianças pardas e negras, mas no ano de 2019 essa rejeição caiu mais da metade.

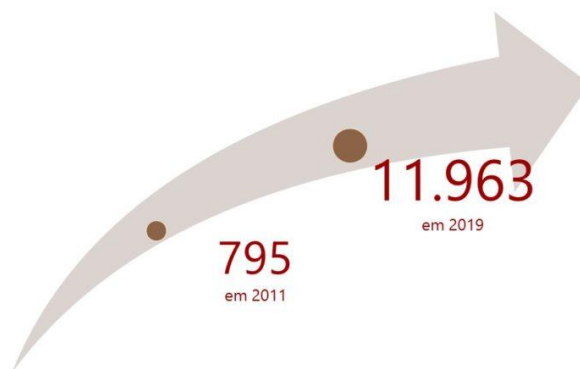
Figura 2 – Dados sobre rejeição de crianças pardas e negras de 2011 a 2019



Fonte: <https://ultimato.com.br/sites/maosdadas/2019/05/24/adocao-em-numeros/>

Outra grande mudança positiva é que houve um aumento no número de pretendentes dispostos a adotar crianças com idade acima de 5 anos. Conforme a Figura 3.

Figura 3 – Número de pretendentes dispostos a adotar.



Fonte: <https://ultimato.com.br/sites/maosdadas/2019/05/24/adocao-em-numeros/>

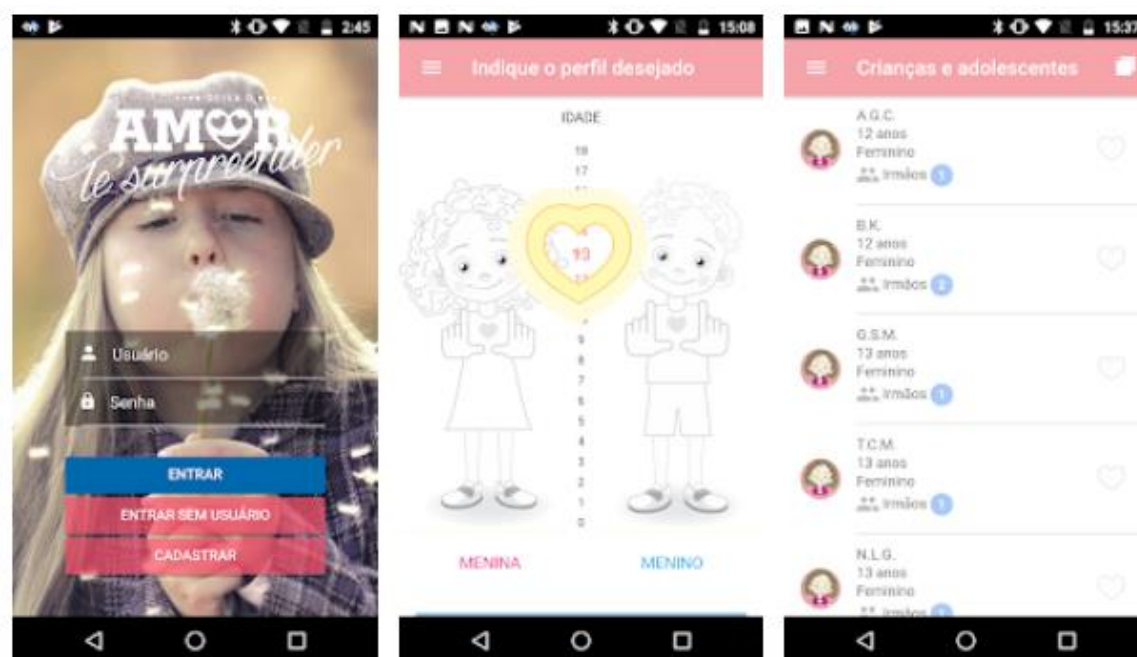
Esses dados estão disponíveis nos relatórios estatísticos do portal online do Cadastro Nacional de Adoção.

Além da evolução nas leis, o processo de adoção atualmente conta com ferramentas que auxiliam as famílias a chegarem até as crianças que estão necessitando de um novo lar. No Brasil, já estão sendo utilizados aplicativos de adoção que ajudam no processo. O portal online Adoção Brasil, destaca três principais, o Adoção Brasil, A.DOT, e Adoção. Todos têm como principal objetivo comunicar informações e encontrar famílias para as milhares de crianças e adolescentes que estão aguardando por um lar.

No Rio Grande do Sul, o aplicativo em funcionamento é o Adoção, que surgiu através de um projeto desenvolvido por meio de uma parceria entre o Ministério Público, o Poder Judiciário e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, foi lançado em 2018. De acordo com o portal online do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, a ferramenta tem o objetivo de aproximar possíveis famílias adotivas, das crianças que estão em instituições a espera de uma nova estrutura familiar.

O aplicativo apresenta fotos e vídeos de crianças e somente pode ser acessada por pessoas aptas no Cadastro Nacional de Adoção (CNA). Ao baixar o aplicativo há duas alternativas, uma é pra quem está habilitado no CNA, que já iniciaram o processo legal para adotar, para esses há informações completas, como vídeos onde as crianças falam sobre o desejo de ter uma família, quem não está habilitado pode entrar sem login, mas tem apenas informações básicas, como ter acesso as iniciais das crianças e suas cidades, além de também se informar como se habilitar no CNA.

Figura 4 – Interface do aplicativo de adoção,



Fonte: <https://play.google.com/store/apps/details?id=br.jus.tjrs.app.adocoes>

Outra ferramenta importante no processo de adoção também é o Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA), de acordo com o portal online da Corregedoria do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), responsável pela ferramenta, ela auxilia os juízes das Varas da Infância e da Juventude na condução dos procedimentos dos processos de adoção em todo o país. Em 2019 a ferramenta passou por uma atualização e sua implementação passou a ser obrigatória para os tribunais, agora ela vai integrar os dados de todos os órgãos, realizando buscas automáticas de famílias para as crianças em qualquer região do país.

Além dessas ferramentas, também há o Sistema Cegonha Virtual, que de acordo com seu portal online, auxilia as "Cegonhas" (voluntários credenciados) à encontrar as famílias com o perfil similar ao da criança de uma maneira mais rápida, imparcial e mais eficaz.

O portal salienta que o sistema não é integrado com o CNA (Cadastro Nacional de Adoção), nem tampouco o substitui. A participação no Cegonha Virtual é voluntária e não garante conseguir uma indicação de uma criança, o objetivo é que possam levantar as informações de perfis de maneira mais ágil e atualizada possível, reduzindo dessa maneira o tempo da criança dentro de um abrigo.

4 PROJETO EXPERIMENTAL - RETRATOS: UMA EXPERIMENTAÇÃO AUDIOVISUAL SOBRE FAMÍLIAS COMPOSTAS POR FILHOS ADOTIVOS

4.1 Introdução

Em razão do tema da proposta da pesquisa ser pessoal, o produto final não poderia ser diferente, Retratos: Relatos de famílias adotivas traz uma imersão na vida do autor, que servirá como ponta pé para todos os depoimentos contidos no audiovisual, que serão dispostos no documentário em conjunto com a visão de um profissional da psicologia, visto que Tomaim (2015, p.134) diz que para atribuir credibilidade ao que está sendo dito é necessário provas artísticas, sendo uma delas: “Ético (nível da credibilidade/verossimilhança): provas que atribuem credibilidade, caráter moral ou uma ética inegável ao narrador ou cineasta; pretende-se um tratamento imparcial e justo do tema(...)”. Dessa forma, percebe-se que ao unir as vivências contadas nos depoimentos e a percepção da profissional em relação aos assuntos debatidos se atribui credibilidade ao tema tratado.

4.2 Métodos e técnicas

A escolha dos entrevistados dentro da pesquisa qualitativa deu-se pela diferença nos modelos de famílias, para que as informações viessem de vivências não somente tradicionais, mas também, abrangessem pelo menos as duas citadas nesta pesquisa, mas monoparentais e biparentais. Optou-se por uma pequena quantidade de entrevistados, para que o produto audiovisual pudesse ter aprofundamento em todos os relatos familiares.

Com base nas respostas das entrevistas, foi feita uma decupagem do material, selecionando assim os relatos que tivessem conformidade com os objetivos da pesquisa, e com eles foi elaborado um roteiro com uma sequência de falas para dar estruturação ao audiovisual.

Para ser feito isso, utilizou-se da análise de audiovisuais com uma linguagem parecida, que possuíssem uma construção da narrativa, enquadramentos de acordo com os lugares que se pode realizar as entrevistas, com a iluminação com os recursos de equipamentos que tínhamos.

Observar como esses produtos audiovisuais foram criados trouxe a noção necessária para a definição da forma como o assunto seria abordado. Nessa produção, bastante pessoal, priorizou-se a construção de uma narrativa com uma sequência de acontecimentos, que além de passar informações sobre o autor da pesquisa, apresentasse numa reflexão permeada pelo

relato de famílias com filhos adotivos uma ideia de que famílias não consanguíneas, independentemente de sua estrutura também devem ser legitimadas e terem representatividade.

4.3 Análise das entrevistas

Foram feitas para o projeto quatro entrevistas, três com famílias adotivas, resultando no depoimento de acordo com as vivências de sete pessoas, e uma entrevista com uma profissional da área da psicologia. As entrevistas foram feitas entre o mês de julho e novembro de 2019, as famílias entrevistadas deram os depoimentos em seus próprios lares e a psicóloga deu o depoimento na casa do autor da pesquisa.

4.3.1 Família Kelm

A primeira entrevista (Apêndice C) foi realizada no dia 22 de julho de 2019 na cidade de Ijuí, a família que auxiliou no projeto com seu depoimento era monoparental, formada apenas pela mãe Denise Kelm e seu filho João Kelm. Quando perguntada sobre o por que optou pela adoção e o que seria uma família, Denise disse que seu objetivo inicial não era formar uma família, mas sim ter alguém para amar, ela não queria prestar satisfação a ninguém, por isso ter um companheiro ou uma companheira era irrelevante na decisão da adoção em razão de o objetivo ser ter alguém que ela, por si só, pudesse gostar.

Ao ser questionada sobre se havia pensado num perfil da criança que gostaria de adotar, Denise relatou que a única restrição que fez foi que a criança não poderia ser negra em razão de que ela não teria condições de defendê-la, e ser forte o suficiente para as sanções sociais que uma criança com um tom de pele muito diferente do dela pudesse vir a ter. Através disso se percebe o quão o preconceito está enraizado nas decisões tomadas para se constituir uma nova família.

O processo no fórum feito na época da adoção do João, em 1998, seria o mesmo que ela faria atualmente, se optasse por adotar outra vez, descartando a possibilidade de utilizar o aplicativo para facilitar o processo de conhecimento de crianças.

Em relação a representação de famílias adotivas na mídia, Denise diz não se sentir representada, pois até pouco tempo percebia que as famílias adotavam com objetivos diferentes dos contemporâneos e que as falas do presidente da república considerando apenas a família tradicional não influenciava em sua família, pois ele não governa sozinho, e quem está

fazendo o gesto de adotar uma criança faz por gostar e amar, não levando em consideração o posicionamento do governante do nosso país.

Ao ser questionada sobre as mídias digitais facilitarem no processo de adoção, a família se posicionou em concordância, João relatou que na infância, no período da escola, os colegas ainda se espantavam com o fato de eles ser um filho adotivo, mas que atualmente, com as mídias digitais facilitando o acesso à informação, isso é colocado mais em pauta e ajuda no processo.

Na finalização da entrevista, ao terem que retratar a própria família, ambos relataram que brigam bastante, que isso faz parte da relação, e que idealizar os filhos adotivos como especiais, é algo ilusório. Denise relata que as situações ao se ter um filho adotivo são difíceis, cada pessoa é diferente, independentemente de ser biológico ou não, e isso é algo que talvez nem todas as famílias que querem adotar estarão preparadas para suportar, pois ao se adotar, tem-se uma idealização de um filho perfeito, mas que na vida real, é um filho, como qualquer outro, por inteiro, com suas imperfeições também.

4.3.2 Família Eich

A segunda família (Apêndice D) foi entrevistada no dia 28 de setembro de 2019 na cidade de Santa Maria, a família que auxiliou com seus depoimentos para o projeto era monoparental, formada pela mãe Tânia Eich e sua filha Amanda Eich. Para elas família é um agrupamento de pessoas que se cuidam, onde existam laços de afinidade, afetividade, amor, carinho e companheirismo. Tânia relatou que sempre teve o desejo de adotar e achava que poderia com isso ajudar alguma criança que tivesse o sonho de ganhar uma família.

Ao ser questionada sobre o perfil desejado da criança, Tânia disse isso não era importante pra ela, mas que foi alertada por colegas a adotar uma criança branca, pois dessa forma a criança teria um preconceito a menos para lidar, já que teria arcar com o preconceito de ser adotada e ainda por ter uma mãe solteira. Através disso se percebe mais uma vez como a discriminação de cor e com famílias fora do tradicional, é algo que implica no processo de adoção.

Segundo Tânia, como sempre teve o desejo pela adoção, quando ouvia algo na TV, rádio e jornais sobre o tema ficava muito atenta para obter informações sobre o assunto e quando decidiu adotar, já sabia onde precisava ir para fazer o processo, afirmou também que o cadastro no aplicativo facilita a encontrar os abrigos. Percebe-se através disso, que os meios

de comunicação tradicionais ajudam na disseminação de informações sobre o tema e que o aplicativo facilita o encontro das famílias as instituições de abrigamento.

Sobre a representatividade das famílias adotivas mídia e a facilidade que as mídias digitais oferecem para o processo de adoção, a família percebe que não há pluralidade quando apresentado, Tânia diz que normalmente quando aparecem em novelas, ainda são com formação tradicional, e quando os canais de notícias colocam em pauta, as crianças não são brasileiras, como o da família do ator Bruno Gagliasso, por exemplo. A família Eich diz que as mídias digitais ajudam no encontro das famílias as instituições, mas enfatizam a necessidade do contato pessoal.

Ao terem que retratar sua família ao final da entrevista, enfatizam o carinho, amor, afeto, companheirismo, respeito e o ensino. Relatam que as famílias adotivas são sinônimo de amor e laços afetivos, sem necessariamente ter laços de sangue, e que as famílias deveriam passar mais amor sem preconceitos ao mundo.

4.3.3 Família Martins

A terceira e última família foi entrevistada (apêndice E) no dia 28 de setembro de 2019 na cidade de Santa Maria, a família que auxiliou com seus depoimentos para o projeto era biparental, formada pela mãe Mirian Martins, o pai Jânio Martins, e sua filha adotiva Tatiana Martins, os pais também tem dois filhos biológicos, mas eles não participaram dos depoimentos. Ao falarem sobre o que é família para eles, a família foi singela e disse que família são eles mesmo e seu próprio lar. Optaram pela adoção em razão de na última gravidez Miriam Martins ter tido pré-eclâmpsia, mas ainda ter o desejo de ter uma filha menina e querer uma família grande.

Quando perguntado se houve um perfil da criança estipulado antes da adoção a família relatou que gostaria de uma criança que normalmente não fosse escolhida, pois há preconceito com algumas crianças e elas acabam ficando nos abrigos, e que eles poderiam dar condições melhores para alguma delas, enfatizam que o as crianças mais querer é amor. Percebe-se dessa forma, assim como nas demais famílias que há discriminação com as crianças e ela decisiva quando se opta pela adoção.

Ao serem questionados sobre o meio em que se interessaram pela adoção, não foi respondido com clareza, mas foi relatado que após as complicações na última gravidez de Mirian eles sentiram o desejo e quando tivessem oportunidade, adotariam. Se tivessem que adotar nos dias atuais usariam o cadastro que leva ao aplicativo de adoção.

Sobre a representação de famílias nas mídias digitais, e a legitimação apenas da família tradicional pelo presidente do Brasil, Tatiana Martins relatou que vê que atualmente há mais visibilidade, na novela malhação, por exemplo, e citou também o caso do ator Bruno Gagliasso, mas disse que não sente a família deles representada, pois o que é mostrado nas mídias são casos muitos específicos. Mirian disse que o presidente decepciona com seu posicionamento, e que independente da estrutura familiar o importante é o amor, cuidado com a criança e responsabilidade.

Ao terem que retratar a família, Jânio afirmou que eles são sinceros, que o modo como se portam para uma entrevista é também o modo com são no dia-a-dia, e que eles têm que dar exemplo de vida. A família ao final da entrevista diz que ao entrar no processo de adoção é necessário ter uma visão de dar as melhores condições dentro do possível, ser responsável e dar muito amor.

4.3.4 Profissional da área da psicologia

A entrevista com a psicóloga Alice Carvalho (apêndice E) foi realizada no dia 8 de novembro de 2019 na cidade de Santa Maria. Ao conceituar família, Alice disse que se considera como tal, qualquer agregado que seja formado por um vínculo, ou laço social, não necessariamente de sangue, mas que possua afinidade e a afetividade como prioridade.

Sobre a escolha pela adoção, a psicóloga relatou que constituições familiares que por alguma razão não podem ter filhos biológicos, como famílias homoafetivas, casais inférteis, ou que simplesmente não querem, a possibilidade de adoção e através dela construção de um novo núcleo familiar é muito bom para pessoas que estão em alguma situação de vulnerabilidade ou se encontram em alguma instituição que podem ter um recomeço.

Ao ser questionada se buscar por um perfil desejado da criança implica de alguma maneira o processo, Alice relatou que é necessário, primeiramente, que a sociedade entenda o porquê desse perfil ser traçado, é necessário que se perceba que o Brasil é um país que tem muitos preconceitos, e quando pensamos em perfil hegemônicos, normalmente se remete a crianças brancas com características eurocêntricas, que de certa forma não tenham nenhuma deficiência. Pensar no perfil, também implica na exclusão de outras crianças que, assim como as demais, precisam de afetividade, atenção, cuidado, um núcleo familiar.

Para as pessoas que tem o desejo de adoção, Alice indica que procurem a vara da infância e da juventude, e enfatiza que no Brasil o processo é demorado. Também diz que os discursos do presidente do país fazem com que famílias não tradicionais sejam excluídas,

negligenciadas pelo estado e dessa maneira tenham dificuldade de acesso a proteção básica, assistência social e cuidados com a saúde.

Sobre a percepção em relação ao fácil acesso as mídias digitais, Alice garantiu que elas ajudam, mas que há perdas também, o vínculo é muito importante, procurar saber sobre a realidade em que a criança vive é fundamental para que haja afinidade e compreensão. A psicóloga ainda diz que não há um retrato ideal de uma família, que há muita idealização e que as pessoas precisam encarar a realidade percebendo o que adoção representa na vida delas e partindo disso pensar num retrato.

Apensar das dificuldades que envolvem o processo Alice enfatiza que é importante que as pessoas sejam mais empáticas e cuidadosas com outros. Finaliza a entrevista dizendo que não apenas o sangue que ligam as famílias, a afetividade e amor é algo que pode ser construído.

4.3.5 Percepções da análise das entrevistas

Ao finalizar as gravações com as famílias, fazer a decupagem do material e analisar as entrevistas, percebi que faltava algo que desse credibilidade aos depoimentos, pensando nisso entrei em contato com a Psicóloga Alice Carvalho e optei por fazer uma entrevista com esta profissional, dessa forma procurando manter no audiovisual uma conversa entre as vivências das famílias com e o que diz um profissional que faz parte do processo de adoção.

Importante ressaltar que as entrevistas com as famílias se assemelham principalmente no ponto referente ao perfil de criança desejado pelos adotantes, bem como sinais que evidenciam preconceitos enraizados na sociedade.

Ainda que haja maior facilidade para se ter acesso ao processo de adoção e às instituições de abrigo, famílias adotivas, independente da formação, podem sofrer algum tipo de preconceito por não serem a família estipulada como ideal.

As famílias também concordam que falta visibilidade nas mídias digitais, e que por mais que elas ajudem, são parte do caminho para chegar até as crianças, o vínculo pessoal, com carinho e afetividade é mais essencial que os meios virtuais.

Todas as famílias também concordam que o presidente do país decepciona ao mencionar apenas o modelo tradicional de família e concordam, que há outras estruturas familiares que também necessitam ser legitimadas e amparadas pelo governo.

4.3.6 Processo de produção do audiovisual

O processo do audiovisual se dividiu nos três pilares essenciais, a pré-produção, produção e pós-produção. Começando a pré-produção pela ideia inicial: dar visibilidade a um tema social, à adoção e como objetivo verificar as mudanças do tema de acordo com o avanço dos meios de comunicação. Partindo dessa ideia, já se pensou em fazer entrevistas com famílias adotivas, pois eram necessários depoimentos para fazer a análise.

Para a entrevista se elaborou um roteiro com perguntas que pudessem trazer informações dos entrevistados, que entrassem em acordo com a proposta do objetivo (Apêndice A). Foram realizadas perguntas direcionadas à profissional da área da psicologia, em razão de que muitos conceitos citados sobre família vieram de bibliografias desses profissionais, e através delas verificar as correspondências do que a psicologia estuda com as vivências das famílias.

Após ser feito o roteiro de perguntas para os entrevistados, foi elaborado o levantamento do que era necessário para as entrevistas. Entrou-se em contato com três famílias, optou-se por esse número para que o assunto pudesse ser aprofundado nos depoimentos, para o audiovisual não ficar extenso demais e também em razão do tempo que se tinha para fazer as gravações e finalização do material.

Buscou-se famílias com formações diferentes, mono e biparentais, com filhos de gêneros também diferentes para que houvesse pluralidade nos depoimentos.

Nesta fase, também se verificou quais equipamentos seriam necessários para a captação das imagens. Foram usadas duas câmeras Nikon, para a captação das imagens, dois tripés para a sustentação e estabilização das câmeras, um iphone SE para a captação de som e um tripé com uma Softbox de luz para melhorar a iluminação.

O espaço utilizado para desenvolver o enredo foram as cidades de Santa Maria e Ijuí, no Rio Grande do Sul, uma vez que os dados colhidos nesta pesquisa são retratos de uma casa de acolhimento, de um hospital de uma das cidades e a realidade na qual estão inseridas as famílias atualmente, suas casas.

As filmagens foram realizadas durante o período de 4 meses, o material capturado foi selecionado, e através dos depoimentos criou-se um roteiro com sequencias de cenas para a narrativa, para Alvez, Afonso, Viera e Nakano (1987, p. 20) “O roteiro final deve ter claro a

ordem sequencial da ideias: o começo, o meio, e o fim. O tema e seus subtemas serão agrupados”.

Durante as entrevistas algumas limitações foram percebidas, ao serem feitas algumas perguntas para as famílias, muitas delas, os membros não responderam com clareza, ou não sabiam responder, principalmente as que focavam na percepção deles em relação a mudança do processo de adoção com o tempo e a implementação das novas tecnologias, como os aplicativos. Por essa razão, o foco do audiovisual mudou, anteriormente, o objetivo ficava centrado em relatar como as famílias percebiam o avanço das tecnologias no processo, mas como essa questão não foi respondida claramente, optei por mudar o foco do audiovisual e deixá-lo mais emocional, focando nos relatos das vivências das famílias em relação ao que elas percebem como a sociedade as vê.

Quando perguntado sobre o perfil desejado das crianças, todas as famílias citaram que há muito preconceito das pessoas, mostrando que há uma questão de julgamento em relação a aparência das criança, e isso é um fator que elas sentiram que afetou durante o processo, mesmo que não concordassem, nos relatos percebe-se o incomodo ao falarem sobre os discursos de outras pessoas em relação ao perfil desejado de seus filhos. Por essa questão, e pelo país estar sendo governado por um Presidente que tem falas marcantes preconceituosas, foquei nesse assunto.

A ideia inicial era que as gravações fossem realizadas com as famílias, todas em uma mesa, como as duas primeiras iniciais conseguiu-se o planejado, pois tinha-se o intuito de passar para o público uma imagem de conversa, como se todas as famílias estivessem contando suas histórias umas para as outras em um grande debate, porém, outra limitação, foi que uma das famílias não tinha agenda disponível, a entrevista foi marcada na mesma semana que entrei em contato, e a casa deles estava em reforma, dessa maneira impossibilitando seguir com a ideia inicial.

O audiovisual intitulado “Retratos: Relatos de famílias adotivas” foi organizado em cinco momentos: o primeiro deles, a vida do autor, é onde, conto ligeiramente sobre as primeiras lembranças de vida. Nesse momento houve dúvida sobre o quão pessoal a linguagem do audiovisual ficaria, e se não atrapalharia na visão passada, mas sobre isso Dancyger (2007, p. 338) argumenta que:

Em geral, a montagem do documentário leva a distorção do evento. A finalidade de montagem do realizador frequentemente suplanta o material bruto (...) a questão ética é suplantada pela necessidade de apresentar um ponto de vista em particular.

Dito isto, ainda que o documentário não fosse pessoal, no momento em que é feita a montagem não há como não distorcer alguma coisa em razão de que é a partir de um ponto de vista que as obras são produzidas.

Durante a edição e montagem do audiovisual, os planos foram cuidados para trazer um olhar mais íntimo com os entrevistados, foram utilizados os planos: médio e primeiro plano. Alvez, Afonso, Viera e Nakano (1987, p. 32) dizem que:

No plano médio o tema principal toma desataque na imagem, porém ainda se distingue o ambiente. Seu valor é descritivo e o tema atrai o observador (...) no primeiro plano ou close-up a imagem apresenta uma parte essencial do assunto. Possui grande valor expressivo, valorizando o tem.

No segundo momento do audiovisual começam os depoimentos das famílias. O primeiro tópico é sobre o entendimento dos entrevistados sobre a visão particular de o que é família para eles, e em seguida sobre a experiência do processo de adoção, a representação midiática das famílias adotivas e por fim o que o retrato das famílias adotivas quer passar para o mundo. Como forma de melhor entendimento, optou-se por um narrador por acreditar ser essa uma construção mais direta.

Para finalizar foi colocada a locução do narrador, em conjunto com as imagens, e músicas livres retiradas de um portal online gratuito. Nessa parte foi observada a sincronização dos elementos visuais e de som para o fechamento da edição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse estudo pode-se perceber o tamanho do significado que possuem as mídias digitais na vida de famílias adotivas. De como é importante usar das tecnologias, como a dos aplicativos, para melhorar a comunicação no acesso as instituições de abrigamento de crianças e chegar até informações sobre o processo de adoção.

Desenvolver um trabalho focado nas vivências de famílias adotivas demonstrou ser fundamental para perceber que elas não se sentem representadas pelas famílias mostradas nas mídias sociais, e o quão mais plural deve ser as estruturas familiares retratadas nos veículos de comunicação. Apesar, das limitações ao fazer as entrevistas e perceber que as famílias por terem adotado há muito tempo desconhecem as novas tecnologias, o resultado final traz muitas informações sobre o processo de adoção.

Os estudos bibliográficos e as respostas dos questionários que formaram o produto audiovisual possibilitaram analisar como sentem-se famílias adotivas em relação ao processo de adoção, sociedade e representatividade nas mídias digitais. A partir disso pode-se verificar que os relatos das famílias demonstram que durante o processo há muito preconceito em relação aos perfis das crianças, que o atual posicionamento do governo não representa algumas e decepciona outras, além de também demonstrar que as tecnologias facilitam quem está no processo de adoção, mas não podem ser o único meio para chegar até as crianças, o vínculo pessoal é essencial.

O processo de desenvolvimento do audiovisual foi difícil, ter que fazer tudo, desde a pesquisa no referencial teórico, passando pelo primeiro contato com as famílias, o planejamento e execução das entrevistas, a captação do material necessário, decupagem, produção, e a montagem do audiovisual foi muito complexo, por mais que um profissional da área de Produção Editorial seja capaz de realizar tudo isso, como foi feito, o trabalho é árduo, leva tempo, desgaste físico e emocional.

O produto final, não ficou como a ideia inicial em razão do tempo que se tinha, da agenda das famílias, e por eu ter que fazer todo o processo sozinho, mas o audiovisual por mais que tenha tido limitações na sua produção ficou esclarecedor sobre várias faces do processo de adoção. Concluiu-se que a ascensão das tecnologias da comunicação ajuda no processo de adoção por estarem mais acessíveis.

Percebeu-se também com o projeto que por mais que haja uma idealização das famílias adotivas, como sendo um exemplo a ser seguido, elas também passam por dificuldades, julgamentos, e mesmo que os filhos não sejam de sangue, possuem os mesmos conflitos de

filhos biológicos. A pesquisa me ajudou a ter mais clareza sobre a minha história de vida, e ajudar demais pessoas que estão passando pelo processo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alfredo; VIEIRA, Cleyde Afonso Gilda; NAKANO, Maria. **Como fazer um audiovisual** – Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1987.

ARPINI, Dorian Mônica; SIQUEIRA, Aline Cardoso. **Psicologia, Famílias e Leis: Desafios à realidade brasileira** – Santa Maria: Editora UFSM, 2012.

CAIÇARA JR, Cícero. **Informática, Internet e Aplicativos** – Curitiba, Ipbex, 2007.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. **A família contemporânea em debate** – São Paulo: Editora Cortez, 2000

CEGONHA VIRTUAL. **Conheça o sistema Cegonha Virtual**. Disponível em: < <https://www.gaadba.com.br/cegonhavirtual>>. Acesso em: 16 dez. 2019.

CHAUÍ, M. **Apresentação: os trabalhos da memória**. In BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **CNA - Cadastro Nacional de Adoção: Relatórios Estatísticos**. Disponível em: < <https://www.cnj.jus.br/cnanovo/pages/publico/index.jsf/>>. Acesso em: 16 dez. 2019.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Plenário aprova criação do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento**. Disponível em: < <https://www.cnj.jus.br/plenario-aprova-resolucao-sobre-sistema-nacional-de-adocao-e-acolhimento/>>. Acesso em: 16 dez. 2019.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Novo sistema de adoção e acolhimento é realidade no país**. Disponível em: < <https://www.cnj.jus.br/novo-sistema-de-adocao-e-acolhimento-e-realidade-em-todo-o-pais/>>. Acesso em: 16 dez. 2019.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento**. Disponível em: < <https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/adocao/>>. Acesso em: 16 dez. 2019.

DANCYER, Ken. **Técnicas de edição para cinema e vídeo** 4. ed. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

DIREITOS DA CRIANÇA. **O que é o Cadastro Nacional de Adoção**. Disponível em: <<https://www.direitosdacrianca.gov.br/midiateca/publicacoes/o-que-e-o-cadastro-nacional-de-adocao>>. Acesso em: 16 dez. 2019.

FERREIRA, Paula. **Brasil registrou 1.685 denúncias de violência contra LGBTs em 2018**. O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/brasil-registrou-1685-denuncias-de-violencia-contralgbts-em-2018-23769474>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

GOOGLE PLAY. **A.DOT**. Disponível em: <<https://play.google.com/store/apps/details?id=digital.bla.adot>>. Acesso em: 16 dez. 2019.

GOOGLE PLAY. **Adoção**. Disponível em: <<https://play.google.com/store/apps/details?id=br.jus.tjrs.app.adocoes>>. Acesso em: 16 dez. 2019.

GOOGLE PLAY. **Adoção Brasil**. Disponível em: <<https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.adocaobrasil>>. Acesso em: 16 dez. 2019.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987

LANDINI, José Carlos. **Do animal ao humano: uma leitura psicodramática** – São Paulo: Àgora, 1998.

LEVINZON, Gina Khafif. **Adoção** 2. ed. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MARQUES, Matha G. **Documentário adoção governo SC**. Youtube, 2003. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZVLooZncaMM&t=28s>>. Acesso em: 10 out. 2019.

MÃOS DADAS. **Adoção em números.** Disponível em: <<https://ultimato.com.br/sites/maosdadas/2019/05/24/adocao-em-numeros/>>. Acesso em: 10 out. 2019.

SÁNCHEZ, Félix López. **Homossexualidade e Família - Novas Estruturas** – Porto Alegre: Editora Artmed, 2009

PAULA, Tatiana Wagner Lauand de. **Adoção à Brasileira: registro de filho alheio em nome próprio** – Curitiba: J. M. Livraria Jurídica, 2007.

RAZÕES PARA ACREDITAR. **App facilita encontro entre pais dispostos a adotar e crianças aptas para adoção** - Disponível em: <<https://razoesparaacreditar.com/cidadania/app-facilita-adocao-criancas/>>. Acesso em: 16 dez. 2019.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** - São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

REIS, Linda G. **Produção de monografia da teoria à prática: o método educar pela pesquisa (MEP)** 3. ed. – Brasília: Senac-DF, 2010.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem** – Rio de Janeiro: Zahar, 2003

SENADO FEDERAL. **História da adoção no mundo.** Brasília - DF. Disponível em: <<https://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/adocao/contexto-da-adocao-no-brasil/historia-da-adocao-no-mundo.aspx>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

SENADO FEDERAL. **Cerca de 47 mil crianças e adolescentes aguardam adoção.** Brasília - DF. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2018/04/cerca-de-47-mil-criancas-e-adolescentes-vivem-em-abrigos-e-aguardam-adocao>>. Acesso em: 8 nov. 2019.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico:** diretrizes para o trabalho didático e científico na universidade. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TOMAIM, Cássio dos Santos. **Documentário, Sabe o que é?** - Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS. **Mudanças legais e atualizações no CNA contribuem para aumento das adoções.** Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/informacoes/infancia-e-juventude/noticias-e-destaques/2019/maio/mudancas-legais-e-atualizacoes-no-cna-contribuem-para-aumento-das-adocoos>>. Acesso em: 19 dez. 2019.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO RIO GRANDE DO SUL. **Adoção.** 2018. Disponível em: <<http://www.tjrs.jus.br/app-adocao/home.html>>. Acesso em: 10 out. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTÕES PARA AS FAMÍLIAS

1. Qual seu entendimento por família?
2. Por que se optou pela adoção? Na perspectiva dos pais.
3. Foi pensado num perfil da criança?
4. Qual foi o lugar ou o meio que se interessaram na adoção?
5. E se fosse hoje, qual meio usariam? Sabem da existência do aplicativo?
6. Como vocês se veem representados na mídia? Há representação?
7. Como que é a percepção de vocês em relação ao governo atual, sabendo que na campanha do presidente foi sempre apenas mencionado um modelo de família?
8. Os acessos mais facilitados as mídias digitais ajudam no processo de adoção?
9. Se vocês precisassem descrever o retrato da família de vocês como seria?
10. O que a família de vocês gostaria de retratar e passar para o mundo?

APÊNDICE B - QUESTÕES DA ENTREVISTA PARA A PROFISSIONAL DA ÁREA DA PSICOLOGIA

1. Qual o entendimento por família?
2. Por que optar pela adoção?
3. O que implica pensar num perfil desejado da criança?
4. Quais os lugares e meios necessários para os interessados na adoção?
5. Qual a relevância da existência do aplicativo?
6. Como que é a percepção de em relação ao governo atual, sabendo que na campanha do presidente foi sempre apenas mencionado um modelo de família?
7. Os acessos mais facilitados as mídias digitais ajudam no processo de adoção? Como é a percepção em relação ao acesso as informações antigamente e hoje em dia?
8. O que seria o retrato de uma família?
9. O que as famílias adotivas deveriam retratar e passar para o mundo?

APÊNDICE C - PRIMEIRA FAMÍLIA ENTREVISTADA

Formação Monoparental: Mãe e filho.

Data: 22 de julho de 2019

Local: Ijuí -RS

Nome da Mãe: Denise Kelm

Nome do filho: João Pedro Kelm

Perguntas e Respostas:

1. Qual o entendimento por família? Por que se optou pela adoção? Na perspectiva dos pais.

R: O foco não era a família em si, não era ter uma família, era ter alguém para gostar, para amar, o foco não era ter uma família, nem dar satisfação para alguém, parecer isso ou aquilo, por isso o fato de ter um companheiro ou uma companheira era irrelevante porque o gostar era meu, eu que queria gostar.

2. Foi pensado num perfil da criança?

R: Quando eu fiz o processo de adoção, tu pode dizer as características que tu quer, se quer menino ou menina, a idade e tudo, eu a única restrição que fiz foi que eu acho que eu não conseguiria, eu não reconheceria como filho meu uma criança negra, negra mesmo, acho que eu teria uma dificuldade em defender ela, de ser forte o suficiente o quanto ela precisaria, imagina o João Pedro, eu se tomar um pouco de sol e ele menos sol, a gente fica da mesma cor, imagina assim eles já falavam, imagina o que deve sofrer uma criança, uma família com uma diferença maior ainda, mas pra mim eu nunca percebi diferença nenhuma.

3. Qual foi o lugar ou o meio que se interessaram na adoção?

Não foi respondido claramente.

4. E se fosse hoje, qual meio usariam? Sabem da existência do aplicativo?

R: O mesmo processo, eu fiz o processo no fórum, fiz toda a avaliação psicológica, a assistente social foi lá em casa.

5. Como vocês se veem representados na mídia? Há representação?

R: Não, porque sempre a adoção até bem pouco tempo, por exemplo, as famílias adotavam alguém pra cuidar quando fosse mais velho, era uma outra conotação.

6. Como que é a percepção de vocês em relação ao governo atual, sabendo que na campanha do presidente foi sempre apenas mencionado um modelo de família?

R: Tanto faz pra mim o que ele pensa ou não pensa, até porque ele não governa sozinho, não é ele que determina como as pessoas vão ser ou como é, não tudo o que ele quer fazer que ele pode fazer. Quem quer fazer faz, quem não está fazendo por querer, por gostar, por amar, talvez possa, não daria muito ibope hoje adotar uma criança não tendo uma família estruturada.

7. Os acessos mais facilitados às mídias digitais ajudam no processo de adoção? Como é a percepção de vocês em relação ao acesso às informações antigamente e hoje em dia?

R: João: Eu acho que talvez o processo está mais facilitado sim, até porque quando eu era mais novo, tava no ensino fundamental, não era uma coisa considerada tão normal assim, ainda era de certa forma um tabu entre o meus colegas, era algo chocante e espantoso eu ser um filho adotado, adotivo... e hoje assim, justamente em função, talvez não tanto de representatividade, mas diversos meios onde isso é colocado como pauta, sim eu acredito que é uma coisa que está mais facilitado.

8. Se vocês precisassem descrever o retrato da família de vocês como seria?

R: João: Eu acho que com muita briga, isso é algo bem pertinente, eu acho que sim, acho que é algo que deve ser colocado, uma das formas de colocar nossa família como um retrato é briga, porque toda família briga, isso é algo que é legal colocar.

Denise: Eu acho que nós somos mãe e filho, embora a gente brigue bastante, realmente a gente brigue, não brigar de bater, essas coisas assim, mas a gente tem muitas discussões, até porque a gente tem pontos de vista bem diferentes, mas uma coisa que o “mano” não percebe, mas um dia ele vai perceber, que é graças ao meu pensamento diferente que ele conseguiu abrir a as asas e voar como ele voa hoje, porque se não fosse a minha forma de pensar diferente, ele com certeza não teria a liberdade que ele tem hoje e não se sentiria tão tranquilo com as escolhas que ele fez.

9. O que a família de vocês gostaria de retratar e passar para o mundo?

R: Denise: Cada um é de um jeito, às vezes filhos biológicos, do mesmo pai e da mesma mãe, crescem totalmente diferentes, as escolhas dele, o que ele queria fazer, as dificuldades dele, eram da pessoa, não tinham nada a ver com a adoção, esse é um processo que talvez, não sei se

todas as pessoas que querem adotar vão estar preparadas pra suportar, às vezes é complicado, às vezes é um fardo pesado, não o João Pedro ser um fardo pesado, mas as situações são difíceis.

APÊNDICE D - SEGUNDA FAMÍLIA ENTREVISTADA

Formação Monoparental: Mãe e filha.

Data: 22 de julho de 2019

Local: Santa Maria -RS

Nome da Mãe: Tânia Eich

Nome da filha: Amanda Eich

Perguntas e Respostas:

1. Qual o entendimento por família? Por que se optou pela adoção? Na perspectiva dos pais.

R: Família é agrupamento de pessoas, duas ou mais pessoas, que se cuidam, onde existem laços de afetividade né. Porque no nosso caso desde o início teve muita afinidade, sempre teve muitos laços de amor, de carinho, de companheirismo.

2. Por que optar pela adoção?

R: Foi um desejo, que eu achei que eu poderia ajudar alguém que precisaria de uma família, que existem muitas crianças que o maior sonho deles é esse né, daí eu achei que poderia proporcionar uma família pra uma criança.

3. O que implica pensar num perfil desejado da criança?

R: Não era tão importante assim, o perfil, mas como era pedido ali, aí eu acabei colocando um perfil, mas eu até tinha imaginado uma pessoa mais moreninha, porque eu acho bonitas pessoas morenas assim, daí já percebi logo de início assim, que daí tinha uma colega lá na minha escola, uma professora inclusive, ela disse, que elas sabiam que eu tava na fila né, que eu tinha me proposto adotar, daí um dia ela disse: “Tânia então se tu for adotar uma criança, eu sugiro que tu adote uma criança branca, porque se for uma criança morena ou preta né, negra, ela vai ter mais um preconceito” bem assim ela me disse, daí será mais um preconceito, daí eu fiquei pensando isso assim, porque eu não tinha, eu não tinha me dado conta dessas coisas assim, dê quanto as pessoas são preconceituosas então, “ela teria mais um preconceito” ela disse, “um por ser adotiva, outro por ser de cor né, negra ou parda, sei lá, e outro ainda porque eu sou solteira né, daí então na verdade a criança teria três preconceitos, porque o fato de eu ser solteira também pesa.

4. Quais os lugares e meios necessários para os interessados na adoção?

R: Como eu já tinha essa ideia desde bem jovem, daí sempre quando tinha alguma notícia sobre esse assunto eu prestava atenção, aí fui me informando também com as pessoas que já tinham adotado, as sabia o caminho que tinha que percorrer.

5. E se fosse hoje, qual meio usariam? Sabem da existência do aplicativo?

R: Sim, ajuda as pessoas a se informar melhor, esse cadastro acredito que facilita as pessoas a adoção, que fica mais fácil de saber onde em alguém disponível pra adoção.

6. Como é a percepção da adoção na representação na mídia?

R: Não se vê muito assim não, porque geralmente é mostrado uma família tradicional né, onde tem pai, mãe, e geralmente dois filhos, de mãe e filha assim é muito difícil, a gente não vê na mídia assim. Quando aparece geralmente é uma criança deficiente ou quando trazem de outro país também.

7. Como que é a percepção de em relação ao governo atual, sabendo que na campanha do presidente foi sempre apenas mencionado um modelo de família?

R: O atual governo não nos representa, ele justamente fala que a família tradicional, a família composta por um pai uma mãe e um filho, ou dois filhos, que seja, é o certo, mas aí se for uma mãe ou só um pai, ou se for um casal homossexual, não é o ideal, não é o correto, então ele não nos representa. Parece que incentiva o preconceito, tanto racial, como machismo.

8. Os acessos mais facilitados as mídias digitais ajudam no processo de adoção? Como é a percepção em relação ao acesso as informações antigamente e hoje em dia?

R: Eu acho que é importante um contato pessoal, de ter uma relação próxima, mas acho que ajuda bastante os meios virtuais, até pra pessoa conhecer e saber como chegar.

9. O que seria o retrato de uma família?

R: Carinho, amor afeto, companheirismo, ajuda, afinidade, respeito, o ensino também, o aprender e o ensinar, que ambas, tanto eu aprendi muito com ela, como ela aprendeu muito comigo também.

10. O que as famílias adotivas deveriam retratar e passar para o mundo?

R: Mais amor, que as pessoas consigam amar mais, sem preconceito. Família é sinônimo de amor, de laços afetivos e não consanguíneos de sangue, necessariamente.

APÊNDICE E - TERCEIRA FAMÍLIA ENTREVISTADA

Formação Biparental: Mãe e Pai e filhos.

Data: 22 de julho de 2019

Local: Santa Maria -RS

Nome da Mãe: Mirian Rodrigues Martins

Nome do Pai: Jânio Salmentão Martins

Nome do filho: Tatiana Martins

Perguntas e Respostas:

1. Qual o entendimento por família?

R: Nós, nossos filhos, nosso lar.

2. Por que se optou pela adoção? Na perspectiva dos pais.

R: Nós morávamos no Amazonas, meu esposo é militar e no hospital onde meu esposo estava trabalhando, a mãe biológica da Tati sofreu um acidente, se internou, ganhou a Tati e ela veio a falecer, e nós queríamos muito, porque no meu último parto eu tive pré-eclâmpsia, nós tínhamos muita vontade de ter uma menina, porque eu já tinha dois meninos, e a gente pensou, conversou antes, que tal adotar uma menina?

A família do Jânio é muito pequena, só ele e a irmã dele, e a minha família são cinco filhos, então, eu dizia pra ele, não, eu gosto de família grande, eu quero família grande, eu queria movimento em casa né, e aí nós achávamos dois filhos muito pouco, aí então nós queríamos adotar, aí a mãe da Tati faleceu lá no hospital, nós conversamos entre nós e os guris, foi uma adoção de toda a família.

3. Foi pensado num perfil da criança?

R: Geralmente nós pensávamos em pegar uma criança que geralmente ficaria no orfanato, porque tem crianças que ficam no orfanato pelo preconceito, então nós pensávamos em pegar uma criança assim,

É que estando num abrigo, é muito mais difícil de adoção, a gente sempre pensa no amor da criança, pra dar condições, é o que a criança mais quer.

4. Qual foi o lugar ou o meio que se interessaram na adoção?

R: Nós sempre tivemos a vontade de adotar, depois que a “Mirinha” teve na última gravidez dela pré-eclampsia, então a gente pensou assim não vamos ter mais filhos, vamos ficar com os dois que nós temos e numa oportunidade que tiver a gente adota.

5. E se fosse hoje, qual meio usariam? Sabem da existência do aplicativo?

R: Se eu tivesse que fazer uma adoção agora nós teríamos que entrar nesse tipo de inscrição. (aplicativo)

6. Como vocês se veem representados na mídia? Há representação?

R: Tatiana: Hoje a gente pode ver, tipo na malhação tem uma história que fala sobre adoção, o próprio caso do Bruno Gagliasso, mas pra mim, eu não me sinto representada porque é um caso muito específico, talvez só seja um caso único.

7. Como que é a percepção de vocês em relação ao governo atual, sabendo que na campanha do presidente foi sempre apenas mencionado um modelo de família?

R: Não importa se a família for heterossexual, se a família for, por exemplo, só a avó criando, o que importa, nós conversamos bastante ontem sobre isso é o amor.

Nesse caso aí ele dá até uma pisada na bola né nego, porque as famílias não só pai e mãe e filhos, tem famílias que são vó, vó e filhos, só mãe e só pai. O que nós achamos é que independente de quem seja o principal é o amor, o cuidar da criança, com reponsabilidade.

8. Os acessos mais facilitados às mídias digitais ajudam no processo de adoção? Como é a percepção de vocês em relação ao acesso às informações antigamente e hoje em dia?

Não foi respondido com clareza.

9. Se vocês precisassem descrever o retrato da família de vocês como seria?

R: A gente tem que dar exemplo de vida, exemplos do dia-a-dia, porque é muito comum uma pessoa esconder, colocar de baixo do tapete, não, nós somos assim o que tu tá vendo aqui é todo dia.

10. O que a família de vocês gostaria de retratar e passar para o mundo?

R: Quando adotar a criança já ter a visão de dar o melhor estudo, dar carinho, dar condições, claro que nas condições de cada família, dar o possível e impossível. A criança quer amor né,

toda criança quer amor, então, o importante é isso aí, adotar com responsabilidade e dar muito amor.

Tatiana: e respeitar né, as famílias, as diversas famílias que tem.

APÊNDICE F – ENREVISTA COM PROFISSIONAL DA ÁREA DA PSICOLOGIA

Data: 8 de novembro de 2019

Local: Santa Maria -RS

Nome: Alice Carvalho

Perguntas e Respostas:

1. Segundo a psicologia o que é uma família?

R: A psicologia ela tem alguns conceitos específicos, assim, mas basicamente a gente trabalha com uma visão mais ampla de que família pode ser qualquer agregado, que seja composto por algum vínculo, por algum laço social, ou inclusive de sangue ou não né, que as pessoas por algum motivo queiram fazer esse agregado doméstico sem muitos critérios estabelecidos, mas que afinidade e a questão mais afetiva esteja em primeiro plano.

2. Por que optar pela adoção?

R: Muitas famílias optam pela adoção, por questões de, por exemplo, biologicamente não poderem ter um filho, ou simplesmente não quererem gerar uma criança, também por questões de, por exemplo, casais homoafetivos, casais com deficiência, enfim, a possibilidade de adoção é bom para essas pessoas que querem constituir um novo núcleo familiar, e de alguma maneira não podem, e é bom para aquelas pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social, estão em situação de abrigo, de acolhimento institucional, e que vão poder ter um novo recomeço, um novo núcleo, onde elas também possam ter um desenvolvimento mais bem saudável do que nesses espaços institucionais que elas acabam se encontrando.

3. O que implica pensar num perfil desejado da criança?

R: Primeiro a gente tem que entender porque esse perfil é traçado, a gente vive num país que a gente tem muitos preconceitos, e muitos deles inclusive são velados, então quando a gente pensa em perfis, a gente pensa em perfis hegemônicos, normalmente crianças brancas e também de olhos azuis, enfim, com características específicas, que na maioria são eurocêtricas, são crianças que não tem de certa forma alguma deficiência, que de algum modo não sofra algumas sanções na sociedade preconceituosas. Pensar nesse perfil implica também na quantidade da exclusão de outras crianças que também merecem afetividade, merecem atenção, merecem também um núcleo familiar, um certo cuidado.

4. Quais os lugares e meios necessários para os interessados na adoção?

R: Acho que o mais comum, para as pessoas que querem adotar é elas procurarem a vara de infância e da juventude, daí lá elas levam alguns documentos necessários, como RG e comprovante de residência, aí posteriormente então, o juiz dessa vara, vai fazer uma visita técnica ao setor, vai pedir mais alguns documentos, aí algumas entrevistas com profissionais vão ser agendadas, como psicólogos, assistentes sociais, aí a partir disso, vai demorar um tempinho, por que infelizmente no Brasil esse processo de adoção, mesmo que muitas crianças estejam na fila da adoção ele ainda é muito precário, demorado, então depois desse processo a família interessada pode conhecer a criança interessada de acordo com o perfil desejado e aí começa o processo de adoção.

5. Qual a relevância da existência do aplicativo para adoção?

R: Há meios virtuais de conhecer isso (estar no processo de adoção) acho que também pode ser um caminho a se buscar.

6. Como que é a percepção de em relação ao governo atual, sabendo que na campanha do presidente foi sempre apenas mencionado um modelo de família?

R: Quando um presidente que legitima todo o discurso da sociedade, ele acaba fazendo essa narrativa totalmente retrógrada, atrasada e excludente, ele faz muitas vezes com que essas crianças que não tem aquele perfil ser socialmente aceito sejam excluídas novamente, além do fato de que outras famílias também sejam excluídas desse discurso, então no momento em que o estado negligencia essas pessoas, a gente tá correndo um risco muito grande de continuar com essas dificuldades de, por exemplo, proteção social básica, dificuldades na assistência social, no cuidado a saúde. A gente tem que entender que todas essas famílias elas são legítimas, acho que Bolsonaro como presidente é uma figura totalmente difícil de lidar e eu acho que para as pessoas que já sofrem com algum tipo de sanção na sociedade fica ainda mais difícil de ter nosso direito garantido.

7. Os acessos mais facilitados as mídias digitais ajudam no processo de adoção? Como é a percepção em relação ao acesso as informações antigamente e hoje em dia?

R: O acesso as mídias sociais pra adoção, é um meio que facilita na comunicação, eu acho que algumas coisas acabam se perdendo, quando uma família vai procurar adoção o vínculo é muito importante e eu sinto um pouco de dificuldade de estabelecimento de vínculo através dessas

redes sociais, acho que também a gente precisa conhecer a realidade daquela criança, então eu acho que a gente precisa ter esse cuidado de entender a realidade em que ela vive.

8. O que seria o retrato de uma família?

R: Não existe um retrato de uma família ideal, com certeza a gente idealiza algo, mas a gente tem que lidar com a realidade, acho que isso é um ponto importante do momento que a gente vai fazer um gesto tão grande como esse de adoção né, as pessoas entenderem por estão adotando, entender o que aquilo representa pra vida delas, e a partir disso a gente consegue pensar do retrato de uma família real né.

9. O que as famílias adotivas deveriam retratar e passar para o mundo?

R: Apesar de todas as dificuldades é importante a gente pensar no outro, olhar para o outro com mais carinho, entender que aquele outro representa todas as mazelas da nossa sociedade, se a gente tem condições materiais, principalmente condições afetivas por que não fazer esse gesto? Não é só o sangue que nos liga, e que afetividade, o amor, pode ser algo construído, e não tão somente algo naturalizado a partir dessas relações familiares ditas tradicionais.

APÊNDICE G - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____(nome completo da pessoa filmada), _____(nacionalidade), _____(estado civil), portador(a) do RG n.º _____, inscrito(a) no CPF sob o n.º _____, residente na Rua _____ n.º _____, _____(cidade), _____(estado), AUTORIZO o uso de minha imagem, constante na filmagem do documentário intitulado “Retratos: Relatos de Famílias Adotivas”, produzido por Alan Patrick Cargnelutti, com o fim específico de publicação de conteúdo pedagógico, sem qualquer ônus para a instituição e em caráter definitivo. A presente autorização abrangendo o uso da minha imagem na filmagem acima mencionada é concedida à Universidade Federal de Santa Maria a título gratuito, por prazo indeterminado. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem, e assino a presente autorização.

__ (dia) de _____(mês) de ____ (ano)

Santa Maria, Rio Grande do Sul

Assinatura: _____

APÊNDICE H Roteiro - RETRATOS: Relatos de Famílias Adotivas**ENTREVISTADOS**

(Por ordem de aparição)

Denise Kelm

Tânia Eich

Mirian Martins

Jânio Martins

Amanda Eich

João Kelm

Tatiana Martins

INTERNAS

Casa dos entrevistados

EXTERNAS

Não há

“Retratos: Relatos de Famílias adotivas”

FADE IN:

#1. INT. SEQUÊNCIA DE FOTOS E FUNDOS PRETOS

Alan Cargnelutti (Narrador)

Imagine uma família constituída por uma mãe e um pai, ambos com problemas com vícios e cinco filhos pra criar. Quando as pessoas me perguntam quais são minhas primeiras lembranças de vida...eu lembro de um bar, com mesas e cadeiras vermelhas, terra, e logo depois, já lembro do lar. Essa é a primeira foto de aniversário que eu tenho, nessa época eu já estava há um tempo morando no lar com meus outros quatro irmãos, essa é única foto que tenho com todos juntos, nessa outra aqui a única que tenho com a minha mãe biológica em uma das vezes que ela foi nos visitar, essa é minha irmã mais nova, foi a primeira e única a ser adotada com pouca idade. Eu me chamo Alan, fui adotado com sete anos, assim como poucas outras crianças, tive a sorte de ganhar outra família, essa sorte minha irmã mais velha não teve, ela ficou no lar até completar dezoito anos de idade, limite para permanecer lá, meus outros dois irmãos, um conseguiu ser adotado pela esposa do meu pai biológico um tempo depois de mim o outro até hoje eu não sei o que aconteceu, atualmente ele está preso.

Assim como eu, outras crianças também tiveram a sorte de serem adotadas.

FUSÃO PARA:

#2. TÍTULO DO DOCUMENTÁRIO E FOTOS DOS FILHOS ADOTIVOS CRIANÇAS.

Apresenta-se o título do documentário em branco com o fundo preto e em seguida fotos dos filhos adotivos entrevistados quando em crianças em conjunto com seus nomes em cor branca.

FUSÃO PARA:

#3. COMEÇA OS RELATOS DAS FAMÍLIAS CONTANDO SUAS HISTÓRIAS

Denise Kelm (mãe do João Kelm)

Ele nasceu num domingo de sol, meio frio, eu me lembro aonde ele estava na hora que ele nasceu, daí no outro dia, logo depois do almoço o pessoal do fórum começou a me ligar, que ele havia nascido, daí no final da tarde, passei a tarde inteira tentando falar com o pediatra pra fazer a avaliação dele, daí só no final da tarde eu consegui contato, daí fomos eu e minha cunhada, a Mara, e o pediatra lá buscar ele na maternidade.

Tânia Eich (mãe da Amanda)

Demorou mais ou menos um ano, depois de encaminhar a papelada, daí ela ligou numa tarde, era uma tarde de terça-feira, daí ela perguntou “Tânia você ainda quer ser mãe?” daí eu disse: “sim”, daí ela disse: “tem uma menina, tem 3 anos, bem bonita, lá no lar”, daí tá, daí eu fui no outro dia lá no fórum, a assistente social me levou lá no lar e daí era o Lar Henrique Liebich que eu já tinha ido pra visitar, pra tentar ser madrinha, que eu tinha pensado em ser madrinha, e era justamente naquele lar, ela me apresentou e disse que eu poderia levar já naquele mesmo dia, mas daí também era uma criança que nunca tinha me visto né e que eu também nunca tinha visto, não me conhecia, daí eu achei que seria interessante ter um contato anterior porque eu não escolhi ela, sabe? porque era só ela que tinha lá, no dia ali, e deu tudo certo assim como a pessoa que vai engravidar também não tem como escolher, então eu acho que no momento que a gente se coloca pra adotar também não tem como escolher, dizer: “ah, não quero esse porque é preto, ou porque é branco, ou porque é menino, ou porque é menina, ou porque tem alguma doença, né, eu acho que eu não poderia escolher.

Mirian Martins (mãe da Tatiana)

Foi uma circunstância muito diferente do tipo normal de adoção, a gente, nós morávamos no Amazonas, meu esposo é militar e nós morávamos no Amazonas e no hospital onde meu esposo tava trabalhando a mãe biológica da Tati sofreu um acidente, se internou, ganhou a Tati, e ela veio a falecer e nós queríamos muito, porque eu tive no meu último parto eu tive Eclampsia, Pré Eclampsia, e aí nós tínhamos muita vontade de ter uma menina eu tinha muita vontade de ter uma menina porque eu já tinha dois meninos, então nós falávamos: “ah vamos ter uma menininha, vamos ter” e a gente assim, pensou, conversou antes, assim, em seguida que tivemos o Thiago, que tal nós adotar uma menina, a família do Jânio é uma família muito pequena, só ele e a irmã dele e a minha família são cinco filhos, então nós tínhamos, eu dizia pra ele, não, eu gosto de família grande, eu quero família grande, eu queria movimento em casa, então nós fizemos um pedido pros avós, quando eles vieram pra buscá-la, que eles vieram lá do interior do Peru, nós fizemos um pedido pra eles, se nós podíamos trazer ela pro sul, então a gente queria trazer ela pra cá conosco e nós queríamos adotar, aí nós fizemos a adoção, ao dizer pelo juiz, foi o primeiro caso de adoção pelo ECA lá em Tabatinga.

FUSÃO PARA:

#4. APARECEM TRECHOS DE FALAS DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA SOBRE O QUE É FAMÍLIA E LOGO DEPOIS A OPINIÃO DAS FAMÍLIAS

Jornalista (Jornal da Record)

O presidente defendeu o que chama de “família tradicional”, e criticou outros conceitos sobre a formação de família.

Jair Bolsonaro (Presidente da República)

Se querem que eu acolha isso, apresentem uma emenda à constituição e modifique o artigo 226, que lá está escrito que família é homem e mulher, mesmo mudando isso, como não dá pra emendar a bíblia, eu vou continuar acreditando na família tradicional.

Mirian Martins (Mãe da Tatiana)

Nosso entendimento de família é nós, nossos filhos, nosso lar né, o Jânio ainda ontem falou sobre isso, nós... perguntou, nós falamos: “o que é família pra nós?” e o Jânio disse: “nós e nossos filhos”.

Tânia Eich (Mãe da Amanda)

Família é um agrupamento de pessoas, duas ou mais pessoas, que se cuidam, onde existem laços de afetividade né.

Denise Kelm (Mãe do João)

Eu acho que família são pessoas que vivem junto, que crescem juntos, que se importam umas com as outras, que cuidam umas das outras, não tem a ver com ser pai e mãe acho que família é um conjunto de pessoas que se gostam e querem viver junto e querem crescer juntos.

FUSÃO PARA:

#5. AS FAMÍLIAS RELATAM ACONTECIMENTOS ENVOLVENDO PRECONCEITO EM SEUS PROCESSOS DE ADOÇÃO

Tânia Eich (Mãe da Amanda)

Tinha uma colega lá na minha escola, uma professora inclusive, ela disse... que elas sabiam que eu tava na fila né, que eu tinha me proposto a adotar, daí um dia ela disse: “Tânia, então se tu for adotar uma criança, eu sugiro que tu adote uma criança branca, porque se for morena, ou preta né, negra. Ela vai ter mais um preconceito”, bem assim ela me disse: “daí será mais um preconceito” daí eu fiquei pensando nisso assim, porque eu não tinha me dado conta dessas coisas assim de quanto as pessoas são preconceituosas, “então ela teria mais um preconceito”

ela disse, um por ser adotiva, outro por ser de cor... negra ou parda, sei lá e outro ainda porque eu sou solteira né, daí na verdade, a criança teria 3 preconceitos, porque o fato de eu ser solteira também pesa, então eu não fiquei... não mudei de opinião por causa disso assim, só que me chamou atenção que eu já vi ali que, qualquer criança que eu fosse adotar ia passar por algum tipo de preconceito, e realmente durante a infância também, depois na adolescência ela sentiu isso na escola também assim um certo... uma certa rejeição

Denise Kelm (Mãe do João)

Quando eu fiz o processo de adoção, tu pode dizer as características da criança que tu quer, ser quer menino ou menina, e a idade, tudo...eu a única restrição que eu fiz, é que eu, eu acho que eu não conseguiria, eu não reconheceria como filho meu, uma criança negra, negra mesmo, acho que eu teria uma certa dificuldade de defender ela, de ser forte o suficiente o quanto ela precisaria, porque eu acho que se...imagina o João Pedro, eu se tomar um pouco de sol, e ele menos sol a gente fica da mesma cor, assim eles já falavam, imagina o que deve sofrer uma criança... uma família com uma diferença maior ainda.

Mirian Martins (Mãe da Tatiana)

Eu dizia, nós falávamos assim, olha se tiver uma criança que for Down, se tiver uma criança especial, se tiver uma criança negra, geralmente nós pensávamos em pegar uma criança que geralmente ficaria no orfanato, entendeu? Porque tem crianças que ficam no orfanato pelo preconceito né então nós pensávamos em pegar uma criança assim.

Tânia Eich (Mãe da Amanda)

Quando eu fiz o pedido né, tinha que preencher um papel lá, dar características de qual criança eu desejaria, daí a princípio eu tinha pedido uma criança recém nascida e poderia ser sexo masculino inclusive, tinha pensado inicialmente num menino, mas aí durante as entrevistas, a assistente social até conversou comigo que seria melhor uma menina que como eu era uma mulher e não tenho marido né, sou eu, que no momento que eu fosse sair com a criança e ele pedisse pra ir no banheiro, daí como é que seria como eu ia no banheiro masculino, ou como é que o menino ia ir no banheiro feminino, daí ela se preocupou com essa questão, mas eu não dei muita importância assim, porque eu me coloquei pra... queria ser mãe, e daí a criança que viesse seria bem-vinda né.

FUSÃO PARA:

#6. DE QUE FORMA O ATUAL GOVERNO IMPACTA NAS FAMÍLIAS

Jair Bolsonaro (Programa Rede TV)

Eles querem, os casais gays, adotarem garotinhos, esse garotinho vai crescer se baseando na mãe bigoduda ou na mãe careca?

Amanda Eich (Filha da Tânia)

É o atual governo, não nos representa, ele justamente fala que, família tradicional, família composta por um pai, uma mãe e um filho, ou dois filhos, que seja...é o certo, mas aí se for uma mãe, ou só um pai, ou se for um casal homossexual também não é o ideal, não é correto de uma família, então ele não nos representa.

Tânia Eich (Mãe da Amanda)

Parece que ele incentiva o preconceito né.

Denise Kelm (Mãe do João)

Tanto faz pra mim o que ele pensa ou não pensa, até porque ele não governa sozinho, não é ele que determina como as pessoas vão ser ou como é não é tudo que ele quer fazer que ele pode fazer.

Mirian Martins (Mãe da Tatiana)

O Jânio falou assim: “não importa se a família é heterossexual, se a família for, por exemplo só a avó criando” o que importa, nós conversamos bastante ontem sobre isso, é o amor e a Tati até disse, com certeza, se não tiver... essa criança tem que ser encampada, entendeu? pelos que tem ali dentro pra atender, entendeu? No caso nós tínhamos nós dois, e os guris pra encampar... pra né, pra adoção da Tati, mas eu digo, tem... nesse caso aí ele até dá uma pisada na bola né nego, porque as famílias não só pai, mãe e filhos, tem famílias que são vô, vó e filhos, vô, vó e... é só mãe e só pai né.

Jânio Martins (Pai da Tatiana)

O que nós achamos é que independente de quem seja, o principal é amor, o cuidar da criança com responsabilidade né, porque pegar uma criança e não ter responsabilidade não adianta nada, tem que ter responsabilidade, é o mais importante... e amor, e amor pra criança.

FUSÃO PARA:

#7. POR QUE AS FAMÍLIAS ADOTAM?

Evaristo Costa (Jornal Hoje)

O Brasil tem quase 30 mil pessoas querendo adotar uma criança, mas menos de 2% dessas pessoas, aceitam um menino ou uma menina com mais de 7 anos.

Denise Kelm (Mãe do João)

Até bem pouco tempo, por exemplo, as famílias adotavam alguém pra ter alguém pra cuidar quando fosse mais velho, ou pra... era outra conotação, e nunca... e talvez até tenha hoje, mas eu não vejo isso assim, até como eu já disse, o meu objetivo não foi nem formar uma família, é ter alguém que fosse, um filho que fosse meu, que pudesse...porque na verdade quando você adota uma criança, principalmente uma criança tão jovem, tão pequena de 27 horas é um livro em branco que você ganhou, o que está escrito lá dentro fui eu que escrevi, né... bem ou mal, não sei se, quanto acerto, ou quanto erro tem, mas o que tá escrito lá dentro fui eu que escrevi, e não é a capa que... é o conteúdo de um livro que diz a qualidade dele né, não é a capa do livro que diz.

Mirian Martins (Mãe da Tatiana)

Nós vimos pessoas que queriam adotar uma criança pra ter uma empregada doméstica, nós vimos pessoas que queriam adotar uma criança pra no futuro cuidar delas, nós vimos nós querendo ter uma filha que fosse feliz.

Tânia Eich (Mãe da Amanda)

As pessoas acham que quando se adota, como eu sou sozinha, não sou casada, sou sozinha, aí que eu adotei uma criança pra me cuidar depois, assim né na minha família teve isso assim, da minha mãe um dia conversando assim, os outros filhos, e as pessoas de fora tem esse conceito, ah, agora tu tem alguém pra ficar contigo, né, ela vai ficar sempre do meu ladinho, me cuidando, me servindo, sei lá, tipo assim as pessoas tem esse conceito de... quando vão adotar, em relação a filho adotivo, daí eu disse não, o dia... se minha filha quiser ir lá pro exterior, ou estudar lá longe, daí eu vou deixar né daí a minha mãe disse: “mas então por que tu adotou”, tipo assim, tu não adotou pra te fazer companhia?

E daí outras pessoas também, pessoas inteligentes assim, pessoas estudadas assim, que dizem alguma coisa de vez em quando assim, que eu fico chocada assim com a concepção, porque ela é minha filha mas o dia que... claro, se ela quiser me dar atenção quando eu tiver velhinha e

tal... tudo bem, mas também não vou segurar ela aqui porque tem ficar do meu lado, me cuidando, me fazendo companhia porque eu não tenho outras pessoas, não é isso e normalmente as pessoas pensam assim.

FUSÃO PARA:

#7. AS MÍDIAS DIGITAIS FACILITAM O PROCESSO DE ADOÇÃO?

João Kelm (filho da Denise)

Em relação ao processo de adoção eu acho que talvez esteja bem mais facilitado sim né, até porque, quando eu era mais novo né, tava no ensino fundamental em si não era uma coisa assim, tão.. considerada tão normal, ainda era de certa forma, um tabu entre os meus colegas, era algo chocante, espantoso né... o fato de ser um filho adotado, um filho adotivo né, e hoje assim, justamente em função né, talvez, não tanto de representatividade né, mas assim em diversos meios né onde isso é colocado como pauta sim, eu acredito que é uma coisa que hoje em dia tá bem mais facilitado.

Tatiana Martins (filha da Mirian e do Jânio)

Hoje a gente pode ver tipo na malhação tem uma história que fala sobre adoção, o próprio caso do Bruno Gagliasso, mas pra mim eu não me sinto representada porque acho que é um caso muito específico.

Amanda Eich (Filha da Tânia)

Eu acho que é importante um contato pessoal, de ter uma relação assim próxima, mas acho que ajuda bastante os meios virtuais até pra pessoa conhecer, e saber como chegar.

Tânia Eich (Mãe da Amanda)

Que ajuda a pessoa a se informar melhor né, e esse cadastro acredito que ele facilita também as pessoas a adoção né, que fica mais fácil de saber onde tem alguém disponível pra adoção.

Alice Carvalho (Psicóloga)

Quando uma família vai procurar adoção, o vínculo é muito importante, e eu sinto um pouco de dificuldade de estabelecimento de vínculo através dessas redes sociais, também a gente precisa conhecer a realidade daquela criança né, muitas vezes são crianças que passaram por dificuldades anteriores ao acolhimento institucional bem graves né, a gente precisa ter esse cuidado de olhar pra criança, de conversar com ela, de entender a realidade em que ela vive, e

entender também se aquilo é possível, é compatível, sabe? se aquelas famílias vão de certa forma conseguir se unir, conseguir criar esse laço social que é importante pra elas se desenvolverem de forma saudável.

FUSÃO PARA:

#8. DIFICULDADES

Denise Kelm (Mãe do João)

Embora a gente brigue, no começo, por exemplo, quando ele fez a opção dele, a gente brigou.

João Kelm (filho da Denise)

Opção?!

Denise Kelm (Mãe do João)

Sim, não é assim que... como é que se coloca? Como é que?

João Kelm (filho da Denise)

Nunca foi uma opção!

Denise Kelm (Mãe do João)

Tá, mas então quando ele se posicionou como...

João Kelm (filho da Denise)

Exato, melhorou...

Denise Kelm (Mãe do João)

Gay.. então se essa é a terminologia...

João Kelm (filho da Denise)

Me autodescobri.

Denise Kelm (Mãe do João)

Tá, quando ele se autodescobriu, eu assim... a gente brigou muito mesmo, mas o que ele não entendia, era que eu não estava brigando com relação ao que ele era ou queria ser, ou deveria ser, mas sim com a exposição que ele dava, que o que ele queria ser não precisava ser anunciado

aos quatro ventos... eu sempre tive muito medo do que pudessem fazer com ele, machucar ele, bater nele, sempre foi minha preocupação muitas vezes ele não entendeu isso, como por exemplo, ele sair, ele é uma drag.

João Kelm (filho da Denise)

Não, isso agora...

Denise Kelm (Mãe do João)

Ele sai montado na rua, eu acho isso... eu acho perigoso pra ele, eu não tenho vergonha dele, eu só acho perigoso pra ele isso.

FUSÃO PARA:

#8. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A ADOÇÃO

Jânio Martins (Pai da Tatiana)

A gente tem que ter... pra dar carinho e responsabilidade, responsabilidade no seguinte sentido, de quando adotar a criança de já ter a visão de dar melhor estudo, dar carinho, dar condições... claro que dentro das possibilidades de cada família né, que tem famílias que tem maiores posses outra menos posses, mas dentro daquela renda da família, vamos dizer assim, dar o possível e impossível .

Amanda Eich (filha da Tânia)

Entender que família não é só família tradicional composta por um pai e uma mãe né, com filho, mas que família não diz respeito quantas pessoas tem, ou se são dois pais, se são duas mães, ou se é uma mãe só, mas que família é sinônimo de amor.

Alice Carvalho (Psicóloga)

Acho que as famílias adotivas, de certa forma passam um pouco isso né, que não é só o sangue que nos liga, e que a afetividade, o amor podem ser algo construído e não tão somente algo naturalizado a partir dessas relações familiares ditas tradicional.

FUSÃO PARA:

#8. CONCLUSÃO

Alan Cargnelutti (Narrador)

Assim como o João, a Amanda e Tatiana, eu também ganhei uma nova família, e apesar das diferenças a coisa que mais nos une é o amor, se não fosse por eles eu não estaria aqui.

CORTA PARA:

FOTO COM TODA FAMÍLIA CARGNELUTTI, em seguida TELA ESCURA, e logo depois os créditos finais.

FADE OUT.

FIM.

(dezembro/2019)